



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

COMISSÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA E COMBATE AO CRIME ORGANIZADO		
EVENTO: Seminário	Nº: 1461/08	DATA: 06/11/2008
INÍCIO: 14h18min	TÉRMINO: 17h17min	DURAÇÃO: 02h58min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 02h58min	PÁGINAS: 56	QUARTOS: 36

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

CLÁUDIO RUFINO – Professor, escritor, pastor evangélico e coordenador-geral da Campanha Nacional contra a Pornografia.  
ROSÂNGELA JUSTINO – Psicóloga e Presidenta da Associação de Apoio ao Ser Humano e Família – ABRACEH.  
SAMUEL CÂMARA – Pastor.

SUMÁRIO: Seminário: *A Influência da Pornografia nos Casos de Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.*

OBSERVAÇÕES

Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis.  
Houve exibição de imagens.



**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iriny Lopes) - Boa tarde a todos!

Nós estamos reabrindo o Seminário *A Influência da Pornografia nos Casos de Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes*.

Sejam muito bem-vindos, senhores convidados e todos os que estão participando deste importante evento realizado pela nossa Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado.

Neste momento, vamos dar início ao quarto painel, com o tema *A Pornografia como Causa Primária da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes*.

Convido para compor a Mesa o Prof. Cláudio Rufino, convidado por nós para desenvolver este tema.

E comunico a todos os presentes que quiserem se inscrever para os debates que deverão entregar à Secretaria da Comissão a ficha de inscrição devidamente preenchida.

Concedo a palavra ao Prof. Cláudio Rufino, que terá até 20 minutos para a sua exposição. Finda a exposição, nós passaremos a palavra aos Parlamentares que aqui estiverem no momento, devidamente inscritos, e em seguida passaremos às perguntas dos presentes que se inscreveram.

Professor, muito obrigado pela presença. A partir de agora — 14h20min —, V.Sa. tem até 20 minutos para a sua exposição.

**O SR. CLÁUDIO RUFINO** - Bem, cumprimento todos, neste Seminário *A Influência da Pornografia nos Casos de Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes*.

Desde já quero destacar que desde o ano passado estamos desenvolvendo a Campanha Nacional contra a Pornografia no Brasil e temos desafiado a sociedade brasileira a entrar nesta verdadeira batalha em defesa da família brasileira, dizendo “não” à pornografia, começando na própria família.

Lançamos o livro *Batalha Contra a Pornografia* e hoje estamos apresentando aos Parlamentares o livro *Os Malefícios da Pornografia para a Sociedade*, bem como alguns adesivos referentes à nossa campanha.

Também desde já queremos antecipar a nossa gratidão ao Deputado João Campos, que desde o ano passado tem apoiado a campanha e que viabilizou a



realização de audiência pública no dia 9 de novembro do ano passado e agora este seminário, cuja requisição foi feita por ele, do qual estamos participando.

Eu quero chamar a atenção para o fato de que a pornografia — e eu gostaria que a partir deste momento todos fizessem o máximo de silêncio possível — é a causa principal, é a causa primária que desencadeia todos os tipos de crimes sexuais ou deturpações sexuais que possamos imaginar. Porém, lamentavelmente, como temos observado, a pornografia no Brasil é cada vez mais aceita e até estimulada, o que vai viabilizando o aumento dos crimes sexuais: assédio, estupro, prostituição infantil e adulta também, a própria pedofilia, o incesto e até muitos casos de homicídios passionais, que têm como origem a pornografia.

Muitas vezes nós focamos o crime em si, focamos apenas o criminoso, o crime. No caso da pedofilia, defendemos que o pedófilo tem de ser preso, que se tem de aumentar a pena, mas esquecemos que a maioria dos pedófilos sofreu abuso sexual na infância, foi vítima. E o pior é que, historicamente, é uma evidência de que o círculo vicioso possibilita que a maioria das vítimas se torne posteriormente criminosos.

Então, o foco principal da minha fala nesta tarde é, por um lado, lamentar e, por outro lado, chamar a atenção para a necessidade de a sociedade e as autoridades se mobilizarem para impedir que crianças que hoje têm 3 anos de idade, Deputada Iriny, daqui a 20 anos pratiquem a pedofilia ou cometam crimes passionais, porque nada tem sido feito pelas autoridades no sentido de fazer pesquisas, como destacou pela manhã o Procurador Guilherme Schelb, para evidenciar de forma científica e sociológica, como vem sendo feito em países de Primeiro Mundo, o que nós temos afirmado do ano passado para cá: que a pornografia é a semente que vai gerar todos os tipos de crimes sexuais que possamos imaginar.

Com isso, anualmente, no mundo inteiro, mais de 10 milhões de crianças são abusadas sexualmente. Com isso, há crescimento da apologia a todo tipo de imoralidade, inclusive dentro da escola e muitas vezes sob o patrocínio, sim, do Governo Federal e de Governos Estaduais e Municipais. (*Palmas.*)

Isso é uma evidência. É inegável, infelizmente! Gostaríamos que não fosse essa a realidade.



E o que vem sendo ignorado por muitos é que o contato com a pornografia — e isso é comprovado cientificamente —, embora aparentemente inofensivo, vai desencadeando reações psicossociais e gerando distúrbios psicológicos e psiquiátricos irreversíveis. Conseqüentemente, se o crescimento da pornografia no Brasil continuar no ritmo em que está, em breve haverá colapso nas relações sociofamiliares como nunca houve na história do Brasil.

É óbvio que todos nós concordamos com o fato de que a família brasileira vem sendo atacada pela indústria pornográfica, que recebe incentivos até mesmo com a imunidade de impostos. Poucos brasileiros sabem que há um benefício para a indústria pornográfica, da imunidade de impostos. Ou seja, para fazer um telefonema do seu celular, você paga mais de 25% de imposto, mas as publicações pornográficas não pagam.

Houve iniciativa, uma proposta de emenda à Constituição apresentada por Deputados aqui no Congresso Nacional — e isso é muito louvável —, para que se crie uma exceção a essa regra e que possamos fazer justiça em relação a essa questão da Lei de Incentivo à Cultura, mas que não pode ser uma “lei de incentivo à deturpação sexual”, principalmente quando esta fere inclusive o tão defendido Estatuto da Criança e do Adolescente, que também vem sendo sistematicamente ignorado, ou desprezado, ou desrespeitado, muitas vezes até pelo próprio Governo, que o defende. (*Palmas.*)

Então, há algumas incoerências para as quais eu acho interessante chamar a atenção.

#### A Pedofilia como Efeito da Pornografia

De Norte a Sul do Brasil, a Polícia Federal tem feito trabalho fantástico, prendendo pedófilos, desbaratando redes de pedofilia. Mas os casos são muito mais do que a nossa Polícia pode dar conta, por mais eficiente que se mostre. E não adianta apenas prender pedófilos. É preciso evitar o surgimento ou a formação de outros pedófilos.

Às vezes, quando digo que tenho de defender o pedófilo, alguém se assusta e pergunta: “*Como assim defender o pedófilo? Tem de aliviar a barra dele?*” Não. O pedófilo que eu quero defender, que eu faço questão de defender, é o pedófilo de 2028, que hoje tem 2 anos, 3 anos, 5 anos de idade, e que será pedófilo porque está



em processo de formação por uma mídia que defende, sim, a promiscuidade sexual e a precocidade sexual de criancinhas e adolescentes, desprezando os valores éticos, morais e familiares.

Então, esse pedófilo que hoje é criança é que me preocupa, porque, quanto a esses que estão aí cometendo crimes absurdos, que alguns consideram até dignos de morte — e não quero entrar nesta questão —, o fato é que também já foram crianças até pouco tempo atrás e hoje são criminosos. E o círculo vicioso não foi alterado. Há 20 anos era a mesma coisa. Hoje, graças a Deus, parece-me que a sociedade está mais sensível ao que está acontecendo diuturnamente em toda a Nação.

Devemos considerar que esses pedófilos — mais de 50%, segundo as estatísticas — sofreram abuso na infância. E as pesquisas revelam que pelo menos 80% dos estupradores de crianças confessam que seus crimes foram estimulados pela pornografia, Deputada. Mais de 80%!

E também se sabe que 82% dos presos por crimes sexuais contra crianças e adolescentes eram consumidores de pornografia ou admitiram que eram viciados em pornografia e que praticaram em suas vítimas as cenas que assistiram por horas, antes ou durante a prática de seus crimes.

Esse é um fenômeno não apenas nacional, mas também mundial. Um condenado à morte nos Estados Unidos, por ter estuprado, matado e esquartejado 5 crianças, entre 4 e 13 anos de idade, declarou o seguinte:

*“A pornografia não foi a única influência negativa que sofri na minha vida, mas seus efeitos em minha vida foram devastadores. Tornei-me” — palavras dele — “homossexual, pedófilo e assassino graças à pornografia, que foi um fator determinante para a minha desgraça”.*

Esse foi o depoimento que ele deu, numa entrevista, dias antes de ser executado.

O Diretor do Centro de Crianças Desaparecidas e Exploradas dos Estados Unidos declarou que, em todos os casos de pedofilia investigados, os criminosos disseram possuir publicações pornográficas. E, no Brasil não é diferente.



Tenho dito que ainda não conheço um caso de pedófilo que não seja viciado em pornografia. Sim, porque a pornografia vicia; é um caso de saúde pública, que também é ignorado. E, além de ser um caso de saúde pública, é um caso de educação pública.

Está comprovado cientificamente que a pornografia vicia mais poderosamente do que drogas e entorpecentes. Hoje pela manhã, o Senador Magno Malta disse que no Brasil estatísticas comprovam que o número de viciados em drogas já está chegando ao mesmo nível do número de criminosos sexuais. São palavras do Senador, ditas hoje pela manhã.

Mas, infelizmente, a maior parte da sociedade ainda não entendeu ou não admite que a pornografia adulta é a causa principal de todos os crimes sexuais. E para isso vou continuar chamando a atenção sempre, e é o foco da nossa campanha. Não vamos nos calar! Se a sociedade e o Governo continuarem negligenciando a influência da pornografia nos casos de pedofilia e demais crimes sexuais — registrados, são mais de 15 mil estupros de mulheres por ano, fora os de homens também —, muitos dos que hoje são crianças, se continuar a haver essa negligência e essa omissão da sociedade e de algumas autoridades, serão pedófilos e estupradores nos próximos anos — lamentavelmente, essa é uma grande verdade —, em decorrência desse círculo vicioso que nós que aqui estamos podemos ajudar a quebrar.

Por isso é tão importante desenvolver projetos ou campanhas de conscientização sobre os malefícios da pornografia, para pelo menos minorar — não vamos acabar nunca com isso, infelizmente —, frear, inibir um pouco essa situação cada vez mais gritante e decepcionante.

Alguns temas como este foram debatidos no ano passado na audiência pública realizada nesta Casa, mas nós precisamos estar sempre levantando essa reflexão.

Outra questão é a da influência da pornografia na violência urbana, secular. Há quem pense que não tem nada a ver, mas tem. Os piores criminosos, os maiores assassinos e traficantes são viciados em pornografia.

Pesquisas feitas nos Estados Unidos com 400 presidiários constataram que os mais perigosos, os mais violentos eram viciados em pornografia.



No Brasil, não é diferente. Eu tenho feito pesquisas com presidiários e ex-presidiários. E todos confirmam que a influência da pornografia em sua vida de crime foi tão poderosa quanto a influência das drogas.

Isso é uma realidade! E não é por acaso que a maioria dos psicólogos concorda que todos os tipos de violência são resultantes de algum tipo de frustração sexual. E a frustração sexual é, comprovadamente, em grande parte gerada pelo consumo excessivo e viciante de pornografia. Como qualquer vício, o viciado vai querendo cada vez mais.

Ouvi o testemunho de um cidadão de Santa Catarina: da infância para a adolescência, ele teve acesso às “revistinhas” *Playboy* do pai; e aquilo foi estimulando o seu vício pornográfico; ele começou a namorar e a ter uma vida sexual ativa precocemente, mas aquilo não o satisfazia porque a pornografia e o vício sexual acabam retirando a sensibilidade sexual.

A pessoa, homem ou mulher, acaba perdendo a sensibilidade e vive frustrada sexualmente. Embora a pornografia venda a imagem de que é a solução para a satisfação sexual, na verdade, ela leva muitos à depressão. Pelo menos mil adolescentes se suicidam todos os anos, nos Estados Unidos, em decorrência do vício pornográfico.

Então, esse rapaz começou a manter relações com a sua namorada, mas isso não o satisfaz. Ele, então, passou a manter relações com 2 garotas ao mesmo tempo, mas isso também não o satisfaz. Então, ele foi levado a colocar um outro homem na jogada, à medida que ia crescendo. E isso também não o satisfaz, ou seja, a prática de bacanais não o satisfaz. E ele começou a atuar não apenas passivamente mas também ativamente no coito homossexual, e isso não o satisfaz. Ele foi estimulado, então, a se travestir. Tornou-se um travesti. É um direito que ele tem, como cidadão, de fazer o que quer da sua vida e do seu corpo. Tudo bem. Mas ele se tornou um prostituto travesti. E contou ao amigo, afirmando, que isso também não o satisfaz: ele continuava frustrado e em crises depressivas.

Como esse caso, são milhares os outros casos que precisam ser enfocados. Eu não quero entrar no mérito da questão, nem criticar. Só quero chamar a atenção para o fato de que a pornografia é a geradora de todos os tipos de crimes sexuais



que possamos imaginar e de todos os tipos de deturpação ou de doenças psíquicas que possamos imaginar, relacionadas a práticas sexuais, como o sadismo.

Um grupo de 3 adolescentes de Porto Velho, no Estado de Rondônia — quando estava lá ministrando uma palestra li todos os dias nos jornais; e, todos os dias, todos os jornais trazem matérias terríveis sobre o assunto —, pegou uma mulher de 40 anos de idade, com deficiência mental, e a estuprou. Mas usaram requintes de crueldade: enfiaram a mão dentro da mulher e arrancaram as suas vísceras pela vagina.

Adolescentes, “garotinhos” viciados em pornografia! *“Mas deixe isso para lá. Afinal de contas, são menores. Menores podem fazer isso, sem nenhum problema, porque estão protegidos”*. Até que aconteça com alguém da nossa família. Aí a gente “pia”.

Enquanto isso, cineastas vão investindo numa mídia cada vez mais deturpadora da sexualidade humana. Em Cannes, recentemente, alguns cineastas diziam que a pornografia está-se revelando o único elemento para moldar a percepção que os jovens têm sobre sexo. Para a maioria desses cineastas pornógrafos, a pornografia exerce “importante papel pedagógico”, considerando que muitos assistem a pornografia desde bem pequenos. E eles dizem que nós, moralistas, somos como criminosos. Isso faz com que este assunto seja complicado na mente dos jovens. Afinal, o que tem?

E considerar a pornografia como uma influência para a sociedade na cultura hedonista é algo absolutamente normal. Só que, como educador, eu posso garantir que a pornografia não tem nenhum teor educativo ou pedagógico; não tem nenhum valor didático autêntico. A pornografia visa ao lucro, à custa da desgraça, da frustração e da infelicidade sexual alheia. Essa é a verdade. *(Palmas.)*

E o crescimento dessas crianças com o subconsciente repleto de imagens pornográficas vai desencadeando um processo de deterioração que vai gerar o agravamento da situação a cada nova geração. E há uma série de ações governamentais, políticas públicas, no contexto educacional brasileiro que desrespeitam o Estatuto da Criança e do Adolescente e estimulam a deturpação e a precocidade sexual de crianças. E isso é lamentável!





Quando se diz “*vamos distribuir camisinhas para crianças de 15 anos na escola*”, tudo bem. Mas elas acabam chegando às mãos de crianças de 8 anos de idade. Hoje nós ouvimos o Procurador dizer que foi questionado por uma médica, uma ginecologista, sobre uma menina de 8 anos de idade que convive maritalmente com um rapaz de 15 anos de idade e foi à ginecologista pedir uma receita de anticoncepcional. Uma menina de 8 anos de idade! Oito anos! Onde está o pessoal dos direitos humanos e essa cambada toda? Eu fico, às vezes, preocupado com isso. Não ouço a voz da sociedade e da comunidade política em relação a isso, que é cada vez mais comum.

Lá no Amazonas — estive lá porque estamos desenvolvendo campanhas estaduais contra a pornografia em todo o Brasil —, uma menina de 10 anos de idade está grávida do padrasto, de 53 anos de idade. “*Mas deixe isso para lá! Está tudo bem!*”

Está tudo bem?! Eu acho que não. Mais de 2 bilhões são usados pelo Governo anualmente para o suposto combate ao abuso de exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil. Nós desenvolvemos essa campanha e não recebemos um centavo, nem a impressão de um folheto. Mas tudo bem!

Lá no Amazonas, eu estava ministrando uma palestra... E sempre aparecem pedófilos pedindo ajuda, depois de palestras. Segundo a OMS, a pedofilia é um distúrbio que atinge de 1% a 4% da população mundial de adultos — de 1% a 4%! Significa que no Brasil há milhões de pedófilos em potencial. E o pior: outros estão sendo gerados — ainda são crianças.

Como dizia, no Amazonas, um garoto de 12 anos de idade me procurou para dizer que a sua professora, numa escola pública, levou um filme pornográfico, de homossexuais, para passar em sala de aula para crianças de 9 a 12 anos de idade assistirem, como aula de educação sexual.

E aí? O que vai ser feito contra ela? Nada! Mas quem for até a sala de aula dizer que Jesus é bom e morreu na cruz terá de ser discriminado.

Essa professora não foi punida, não será punida, e outros vão seguir o exemplo dela.

Aí eu fico pensando: se o seu filho ou a sua filha de 9 anos de idade chegar em casa com a mochila cheia de camisinhas e ainda disser que assistiu a um filme



de pornografia homossexual na escola, como aula de educação sexual, você vai achar que está tudo bem? Pois na minha casa, não! Eu vou gritar! Na minha casa, não! (*palmas*) Eu tenho 1 filha de 10 anos de idade e 1 filho de 6 anos de idade e entendo que a responsabilidade com a educação sexual deles é minha e da minha esposa. Eu não admito que ninguém, nem pastor — e eu também sou pastor, além de professor —, nem meu pai, nem minha mãe, ninguém... Essa é uma responsabilidade que Deus me deu. E Deus vai cobrar de cada papai, de cada mamãe as responsabilidades com os seus filhos.

Então, eu quero fazer as minhas considerações finais — e teria muito mais a dizer sobre o vício pornográfico no Brasil; parte disso que nós falamos está nestes livrinhos *Os Malefícios da Pornografia para a Sociedade e Batalha contra a Pornografia* — e lamentar que a mídia faça tanta apologia a um idealismo hedonista.

(*Intervenção fora do microfone. Inaudível.*)

**O SR. CLÁUDIO RUFINO** - Que maravilha! Não chegou nenhuma pergunta. Então, vou ter mais um tempinho. Vocês se incomodam?

(*Intervenção fora do microfone. Inaudível.*)

**O SR. CLÁUDIO RUFINO** - Pode mandar. É, mas ainda não chegaram outros preletores...

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iriny Lopes) - Quem quiser fazer perguntas e não tiver o formulário levante a mão, que a moça vai entregar. Queremos permitir a todas as pessoas que participem do debate e dirijam perguntas ao palestrante.

**O SR. CLÁUDIO RUFINO** - Será um prazer.

Obrigado, Deputada.

A Ação da Pornografia na Mídia

A mídia, quando faz apologia ao idealismo hedonista, contribui para a banalização da sexualidade humana. Mas, se for certa emissora poderosa de TV, não adianta fazer denúncias pelo Disque 100, Deputado. Não adianta! Eu fiz! Quando passou o seriado *Queridos Amigos*, na *Globo*, eu fiquei indignado com algumas cenas que ferem o Estatuto da Criança e do Adolescente. Eu liguei para o Ministério da Justiça, liguei para o Disque 100. Mandaram eu ligar para o “0800 não sei das quantas”; mandaram eu ligar para a Ética na TV. Fui ligando, e não houve nada! Eles nem sabiam de nada.



A lei determina que, antes de ir ao ar... Não poderia ter ido ao ar, mas foi. E os responsáveis nem estavam sabendo de cenas em que criancinhas contracenavam com transexuais. E ficou por isso mesmo! Eu falei diretamente com alguns responsáveis pelos Departamentos do Ministério da Justiça, e não acontece nada. Um representante do Ministério da Justiça, na audiência pública realizada aqui no ano passado — e isso está registrado nos Anais desta Comissão referentes à audiência pública do ano passado —, afirmou que, contra certa emissora, que é a campeã de denúncias, nada pode ser feito. Ou seja, nem todos são iguais perante a lei na nossa Nação, como diz a Constituição. Na prática, não é bem assim.

Parece não haver limite para a exploração da sexualidade humana. E a indústria pornográfica, que goza de imunidade de impostos no Brasil, também investe até mesmo na deterioração da música popular brasileira, porque algumas delas preparam o estado de espírito dos ouvintes para o consumo de drogas, para outros vícios, inclusive para a imoralidade sexual. Isso é óbvio também.

Então, nós desejamos chamar a atenção para algumas reportagens veiculadas no Brasil e em outros países que apontam este País entre o primeiro e o quinto lugares — fica sempre oscilando nas pesquisas — dos campeões mundiais de pornografia infantil, principalmente pela Internet. E isso é uma vergonha para a minha Nação. Eu sou nacionalista, eu sou um patriota e me sinto envergonhado em saber que muita gente lá fora pensa que no Brasil só há prostitutas, que vivem peladas o ano inteiro! Isso me envergonha, porque a minha esposa não é prostituta, não! E eu não acredito que alguém aqui seja.

Sem contar que eu tenho um carinho muito especial pelas prostitutas. Sei que a maioria delas sofreu abuso sexual na infância; e a maioria pelos próprios parentes. Vítimas da violência que chegaram aonde chegaram em decorrência de uma infância lastimável. Nenhuma mulher nasce prostituta ou pensa em ser prostituta quando crescer. Se bem que agora as crianças, na escola, estão aprendendo, sim, que prostituição é uma profissão como outra qualquer. E o Ministério do Trabalho trata a prostituição como uma profissão, mesmo ainda não sendo legalizada no Brasil — basta entrar no *site* do Ministério do Trabalho —, o que é uma vergonha também.



Mas tudo bem. Eu sou apenas uma voz que clama no deserto. Mas eu convido você a fazer parte desse rol que está crescendo no Brasil, para protestar, democraticamente, com todo o respeito às nossas autoridades — inclusive, com todo o respeito ao nosso Presidente da República, pelo qual oro e peço a Deus que o abençoe. Porém, lamento profundamente, quando me lembro de que, no dia 7 de março do ano passado, assistindo ao *Jornal da Globo*, eu me deparei com o Presidente da República fazendo um pronunciamento e dizendo — entre aspas: “*Não podemos carimbar na testa das nossas crianças a idade em que elas devem começar a fazer sexo*”. Fecha aspas.

Eu fiquei triste com esse depoimento do nosso Presidente da República. E lamentei, mas o que eu vou fazer? Eu também votei nele no primeiro mandato; só não votei no segundo. E, por essa frase, eu lamento, mas também não votaria de novo. Mas tenho todo o respeito por ele porque é o nosso líder nacional. E oro por ele, para que Deus o abençoe, para que Deus abençoe a família dele.

No entanto, como cidadão, eu tenho o direito de manifestar essa minha tristeza e essa minha decepção com algumas práticas que não são democráticas. Eu não acredito que a maioria da população brasileira aceite certas políticas públicas de deterioração dos valores éticos, morais e familiares. E, se a maioria não aceita, é uma ação antidemocrática. E os pais sequer são consultados se concordam ou não com certas situações.

É lamentável! É preciso haver conscientização. É por isso que nós batemos na tecla da Campanha Nacional contra a Pornografia — campanha de conscientização.

Está chegando o Deputado Zequinha Marinho. E eu quero destacar um ato dele e de outros que estão aos poucos se sensibilizando no sentido de agir por meio de campanhas de conscientização em seu Estado sobre o malefício da pornografia para a sociedade.

Um dos poucos Estados do Brasil que ainda não visitei — são 4 Estados — é o Espírito Santo. E eu fico feliz em saber que a senhora é de lá. Em abril está programada uma visita minha ao Espírito Santo, para a Convenção Geral das Assembléias de Deus.



Mas eu gostaria que em todos os Estados fossem realizadas pelo menos campanhas de conscientização sobre os malefícios da pornografia para a sociedade, como foi feito por Deputado Estadual que daqui a pouco vai estar falando aqui também — o Deputado Valter Araújo, lá de Rondônia —, que realizou a maior mobilização da história do Brasil contra a pornografia: 16 municípios, simultaneamente, foram alcançados pela Jornada Estadual contra a Pornografia. Só na Capital, Porto Velho, foram mais de 50 mil pessoas mobilizadas: assistiram a vídeos chocantes, assistiram a palestras, e saíram impactadas e indignadas. Por quê? O povo não é idiota! O povo está prestando atenção ao que está acontecendo aqui nesta Casa. O fato é que, infelizmente, a mídia esconde do povo algumas informações.

Eu fico irado, às vezes, quando se fala muito do problema, do crime e do criminoso, e não se fala da origem do problema e do que fazer para cortar esse mal pela raiz. O que fazer para cortar a pedofilia pela raiz? Pois a raiz é a maldita pornografia, que goza de imunidade de impostos no Brasil e que é a semente geradora de todos os crimes sexuais que possamos imaginar, comprovado cientificamente o que eu estou dizendo.

Eu sei, queridos, que vivemos num país democrático e que não há como evitar que alguém tenha acesso à pornografia, muito menos um adolescente com os hormônios em ebulição. Não há como evitar que um adolescente tenha acesso à pornografia, a não ser que ele próprio esteja consciente do perigo que o acesso à pornografia pode representar para a sua vida; a não ser que esse adolescente decida, bem consciente, voluntariamente, evitar a todo o custo a pornografia. E é por isso que as campanhas de conscientização sobre os malefícios da pornografia são tão importantes.

O meu alvo não é uma pessoa, especificamente. Não, absolutamente. O meu alvo não é nem erradicar esses males. E bem que eu gostaria, mas até Deus deu liberdade para as pessoas fazerem suas escolhas, ainda que ruins, embora cada um de nós vá prestar contas de si próprio diante de Deus. Eu encaro isso como uma missão, como idealista que sou, porque não recebo 1 centavo para estar aqui ou para fazer essa campanha, expondo a minha família a perigos e a ameaças como tenho exposto; não recebo 1 centavo nem de governo, nem de político, nem de



empresário, lamentavelmente, nem de igrejas também. (*palmas*) Não que eu não queira, mas é porque não há mesmo patrocínio algum. Por isso é que nós dependemos da vendagem de “livrinhos” para manter tanto a minha família com dignidade quanto a própria campanha.

Mas o nosso objetivo, a nossa missão, é apenas o de convidar você, cidadão comum, a exemplo de mim, a entrar e a se engajar nessa batalha.

Concluindo, queridos, se nada for feito preventivamente no Brasil, a sociedade brasileira sofrerá conseqüências catastróficas nos próximos anos. A história revela que todas as sociedades que adotaram a cultura da imoralidade sexual foram extintas: incas, maias, astecas, indo-europeus. Extintas!

Então, nós precisamos entender que, enquanto milhares de crianças são estupradas todos os anos — e centenas dessas crianças morrem em decorrência de tal violência —, ainda não vemos nenhuma política pública preventiva contra a origem do problema. Nós vemos políticas públicas para prender bandido. Ótimo! Maravilha! É importante, necessário, mas não é suficiente.

Prender o criminoso, focar o crime é importante, mas não é suficiente. Precisamos unir o combate à prevenção lá na origem do problema: na infância e na adolescência; e no veneno que gera tudo isso, que gera essa doença mortal, que é a pornografia.

Nós não precisamos mais de ações demagógicas, de discursos demagógicos, muito bonitos, que falam do combate ao problema, mas não falam nada da origem do problema.

Combater a pedofilia e outros crimes sexuais contra crianças e adultos é muito importante, mas não é suficiente. Precisamos interromper o círculo vicioso de formação de novos pedófilos; o círculo vicioso de formação de novos estupradores. E é por estarmos convencidos dos malefícios da pornografia que, apesar de todas as nossas dificuldades, apesar de boicotes que sofremos por algumas instituições e pessoas, insistimos com a Campanha Nacional contra a Pornografia, que já alcançou, em termos de divulgação, todo o território nacional, principalmente 15 Estados.

O evento realizado em Roraima no dia 18 de maio deste ano desencadeou uma série de denúncias, que depois estouraram no mês de junho. E ninguém soube



— a mídia destacou, mas não em rede nacional — da influência da Campanha Contra a Pornografia em Boa Vista, Roraima, no mês de maio.

E o nosso propósito é o de trabalhar na conscientização da sociedade brasileira, por meio de seminários como este.

Então, quero desde já registrar a minha gratidão aos integrantes da Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado, especialmente ao Deputado João Campos, pela solicitação deste seminário histórico do meu ponto de vista, que lamentavelmente não vai ser repercutido na mídia nacional como mereceria. Mas eu tenho certeza de que milhões de brasileiros que primam pela defesa dos valores éticos, morais e familiares certamente ficarão felizes ao tomar conhecimento do espaço cedido nesta Casa de leis para reflexões de temas tão pertinentes aos nossos dias, como tem sido feito no dia de hoje.

Por isso agradeço e estou pronto para as perguntas.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iriny Lopes) - Antes de o Prof. Cláudio começar a dar respostas às perguntas que lhe foram dirigidas, eu quero pedir licença e me desculpar por ter de me ausentar em virtude de outro compromisso.

O Deputado João Campos, ex-Presidente desta Comissão e proponente da realização deste seminário, assume a partir de agora...

**O SR. CLÁUDIO RUFINO** - Mas eu gostaria que a senhora comentasse um pouquinho o que ouviu. Rapidamente. Por favor.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iriny Lopes) - Posso fazer um comentário breve, mas não terei tempo para ficar para o debate.

**O SR. CLÁUDIO RUFINO** - E me honrará. Obrigado.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iriny Lopes) - A seu pedido, antes de deixar a Mesa, quero dizer que tenho diversas concordâncias com as questões que V.Sa. expôs e tenho algumas preocupações e diferenças do ponto de vista do tratamento do problema.

Não há como ter diferenças em relação à identificação de um problema da maior gravidade, que é o abuso sexual de crianças e adolescentes. Um problema mundial, que não é temporal — ele existe desde o início dos tempos. Portanto, é um problema inerente à condição humana, com as suas debilidades. Mas o fato de identificar isso não significa que não temos de tratá-lo.



Em alguns casos, está afeito às condições de vida, como V.Sa. disse, seja por causa da exclusão social, seja pela falta de acesso ao conhecimento, à formação, à educação. E, na grande maioria dos casos, efetivamente o agressor já foi vítima.

**O SR. CLÁUDIO RUFINO - É.**

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iriny Lopes) - Isso não só na questão do abuso sexual contra criança e adolescente, mas também na prática de espancamento de mulheres, na prática da pedofilia.

Tem muito a ver com o histórico de vida da pessoa.

Nós temos tido condições de identificar, ao longo do tempo, que o agressor atual foi vítima em algum momento passado. Então, como enfrentar não pode ser exclusivamente do ponto de vista de aumento de penalidade. Isso também é necessário, mas não é a única forma.

**O SR. CLÁUDIO RUFINO** - Com certeza.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iriny Lopes) - Nós precisamos fortalecer o ambiente familiar, ou o ambiente da escola, ou o ambiente de trabalho, seja onde for que esses casos ocorrerem, para que as pessoas tenham força suficiente para enfrentar o problema, colocando as coisas do jeito que elas são.

Se há um agressor na família — e a maioria dos casos de abuso sexual infantil e de adolescente acontece no interior da família, no círculo de conhecidos; e não falo exclusivamente de pai e irmão, mas também de primo, de um ambiente familiar maior —, dificilmente se trata disso e dificilmente se leva essa questão às autoridades. Primeiro, há uma dificuldade natural de admitir que há um problema na família; segundo, de encaminhar e denunciar o agressor.

Então, esse tipo de problema não precisa só de uma solução legal, mas também de programas especiais voltados ao enfrentamento e ao fortalecimento de quem tem de enfrentar uma denúncia dessa natureza.

Quantas notícias nós temos? Quem trabalha com direitos humanos como eu sabe quantos casos eu tenho acompanhado de crianças de ambos os sexos que são vítimas de abuso, seja individual, seja para fins comerciais etc., seja de que natureza for, por membros da sua família e que os demais adultos não têm coragem de enfrentar. No máximo, às vezes tiram a criança daquele ambiente.





Eu acho que é preciso criar programas especializados, combinados — do Poder Público com a sociedade; a exigência da punibilidade; e amplo debate sobre o direito que todos têm à informação, à liberdade de imprensa, sem cerceamento, mas com limites. Limites impostos por horários de programas de televisão, coisas que já tentamos nesta Casa e não conseguimos.

Há 1 ano e meio, sofremos nesta Casa uma derrota enorme, quando tentamos construir uma legislação que impunha limites e responsabilidades aos meios de comunicação sobre o que estavam veiculando e a influência disso na formação da criança e do adolescente. Sem moralismo, sem hipocrisia, mas protegendo os direitos de crianças e adolescentes. E os seus direitos têm de ser reconhecidos.

E a responsabilidade do Poder concedente. Na minha opinião, se há concessão para o funcionamento da imprensa, para o funcionamento dos canais de televisão, o órgão concedente pode e deve impor condições e contrapartidas sociais. Dr. Cláudio, durante a sua intervenção, o senhor fez algumas afirmações que mereceriam um debate menos acalorado e mais racional, em busca de solução para o problema. Refiro-me aos limites legais. V.Sa. afirmou que tem isenção. Quando V.Sa. fala, dá a impressão de que é premeditado para aquele tipo de publicação. Acho que o Estado brasileiro, como a maioria dos Estados pelo mundo afora, é violador de direitos. Mas não me parece haver premeditação neste caso, mas um tratamento igualitário para coisas desiguais. Então, há de se fazer essa diferença na legislação. E, aí, não se pode tratar exclusivamente do fato de que haverá isenção ou não. A pornografia não pode ser permitida por lei, em hipótese alguma: *“Ah! Para maiores”*. Sim, mas com que fim, com que objetivo?

Portanto, é preciso fazer uma distinção.

E não acho que seja um problema de Governo — o Governo Lula está aí, amanhã será outro —, mas um problema de Estado. Não me parece que o Estado brasileiro premedite uma questão de tamanha gravidade, mas também, até hoje, trata publicações de forma generalizada, quando deveria fazer a distinção para cada tipo de publicação.

Então, tenho concordância com essa questão, mas acho que afirmar que o patrocínio do Estado gera uma incompreensão, ao fim e ao cabo, não ajuda a



resolver o problema. Aqui, todos estamos imbuídos do espírito de procurar uma solução para o problema, e não só de identificá-lo ou denunciá-lo.

São as opiniões que eu poderia dar superficialmente, justificando-me e pedindo desculpas pelo fato de não poder permanecer aqui.

Desejo a todos que ficarão até o final do Seminário uma boa participação e, felicitando-me novamente com o Deputado João Campos pela iniciativa, solicito a S.Exa. que assuma, de agora em diante, a condução dos trabalhos.

**O SR. CLÁUDIO RUFINO** - Agradeço à Deputado Iriny Lopes. Foi uma honra estar a seu lado.

Chegaram aqui duas perguntas interessantes. A primeira é da Sra. Maria José Nazareno, do Conselho Estadual de Direitos, do Maranhão, que diz que concorda com o que foi dito, mas pergunta: “*O que está por trás da proteção da mídia no Brasil?*”. Prefiro não comentar, porque dá muito pano para manga. Essa questão merece uma audiência pública ou até um seminário no Congresso Nacional — e não estou habilitado a dar as devidas respostas.

*“Por que os gestores federal e municipal não fazem um trabalho de alerta a toda a sociedade, em parceria com instituições de defesa de crianças e adolescentes; e como desenvolver as campanhas nacional, estadual e municipal contra a pornografia?”*

Bem, lamentavelmente, os gestores estaduais, federais e municipais não fazem um trabalho de alerta à sociedade, porque, imagino, a maioria deles ainda não está consciente da gravidade do problema e de sua origem. Muitos enfrentam a questão com seriedade, mas, por não atacarem a sua origem, vão morrer e não vão resolvê-la, não vão ter sucesso no combate a esses problemas, porque só se combate o câncer extirpando-o ou prevenindo, e não dando aspirina para o doente.

Sobre como cooperar com a campanha, temos aqui algumas orientações. É possível ajudar divulgando a campanha no seu *site*; trabalhando na conscientização e mobilização, realizando palestras, seminários e conferências onde for possível fazê-lo; trabalhando a partir da sua própria vida, da sua própria família, do seu próprio círculo de amigos, da sua própria profissão; colaborando, principalmente, na divulgação. Pode ser um agente propagador da existência dessa campanha e do que propomos fazer, que é justamente trabalhar na conscientização, cobrando de



suas representações políticas ações principalmente preventivas, além de combativas, contra alguns problemas que enfrentamos; promovendo atividades educativas diversas para crianças e adolescentes; colaborando de várias maneiras, inclusive propondo leis aos seus representantes políticos, nos âmbitos municipal, federal e estadual.

A última pergunta: *“Por que V.Sa. afirma, quanto ao adolescente, ‘tudo bem, não são punidos’?”* De certa forma, fui irônico quando fiz essa afirmativa, porque, infelizmente, muitas crianças estão sendo expostas à pornografia desde cedo, e cientificamente é comprovado que essa exposição precoce à pornografia estimula a frustração sexual, o que desencadeia atos de violência. E referi-me principalmente ao Distrito Federal, uma das regiões mais bem desenvolvidas do nosso País, mas onde há maior incidência de violência contra professores. Pelo menos 70% dos professores do Distrito Federal já sofreram agressões de alunos nas redes pública e particular de Brasília. E o que leva alunos a espancarem professores na sala de aula ou darem tiros em diretores e professores dentro e fora das escolas, ou alunos levarem 12 tiros dentro da sala de aula por um colega, além de outros crimes dessa natureza, sem contar estupro em banheiros e outras práticas terríveis e criminosas dentro da escola, como o tráfico de drogas, mas, principalmente agressões? Por que agressões gratuitas? O que está por trás disso? Não há nenhuma ação no sentido de se fazer pesquisas nacionais, além das que já estão disponíveis internacionalmente, sobre a influência da pornografia na psiquê das crianças e adolescentes, sobre a influência da pornografia na mente das pessoas, sobre o que leva a atos de violência, inclusive de mulheres contra seus maridos, ou de maridos contra esposas, no caso também em relação a namorados, agressões no meio da rua, e até mesmo entre torcidas organizadas.

Como disse anteriormente, é cientificamente comprovado, e há consenso entre os psicólogos, que todo tipo de violência e agressividade é resultante de algum tipo de frustração sexual, na maioria das vezes gerada pela ação da pornografia na mente humana.

Lembro, para encerrar, que a pornografia — e continuarei a bater nessa tecla — é um dos principais fatores da violência e desencadeia todos os tipos de crimes e deturpações sexuais. Isso precisa ser focado em nosso País. Do contrário, vamos



continuar, sociedade e autoridades, dando soco em ponta de faca, gastando bilhões, fazendo muito, mas não resolvendo o problema. Muito pelo contrário, a cada ano a situação piora, porque não atacamos a origem do problema.

Agradeço a todos a atenção, agradeço especialmente pela honra que me foi cedida de compor esse rol de preletores. Desde já, gostaria de sugerir a todos, mais uma vez, que colaborem com a campanha nacional contra a pornografia e que me façam um favor escrevendo num papel: *“Prezado Deputado João Campos, obrigado pelo seminário, mas gostaríamos que o senhor solicitasse outro seminário como esse, para 2009, aqui na Câmara dos Deputados”*. Quem concorda com essa solicitação? *(Pausa.)*

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Vejo que a proposta de V.Sa. foi acolhida pela unanimidade do Plenário.

Agradeço ao Prof. Cláudio Rufino a exposição e as contribuições oferecidas a esta Casa, quer neste seminário, quer na audiência pública que realizamos em outra oportunidade. S.Sa. não é apenas um estudioso do tema, mas alguém preocupado em contribuir com as famílias e com o Brasil em relação a essa matéria, dadas as conseqüências, aos danos que muitas crianças e adolescentes têm sofrido.

Temos uma indagação do Pastor Marivaldo, da Igreja Batista, dirigida ao Prof. Cláudio Rufino: *“Fui discriminado pela manhã. Mas, pergunto: o senhor tem real conhecimento do patrocínio e do material pornográfico impresso com o aval do Governo? Se positivo, como combatê-lo na condição de cidadão comum?”*

Prof. Cláudio, o senhor responde isso em 2 minutos?

**O SR. CLÁUDIO RUFINO** - Bem, a parte do combate, acho que é mais interessante o senhor responder. Agora, de fato, existem, sim, publicações pornográficas patrocinadas pelo Governo Federal. Isso é evidente.

Recentemente, o Ministério da Saúde produziu — o Ministério da Saúde! — 200 mil cartilhas pornográficas para homens impotentes, e elas foram parar nas mãos de crianças de escolas públicas de várias cidades. Há alguns anos, houve o patrocínio de 50 mil revistas voltadas para o público de travestis que também foram parar nas mãos de crianças e adolescentes de escolas públicas do Rio de Janeiro. Essas revistas ensinavam detalhes sobre práticas homossexuais. E outra cartilha



voltada para o público de travestis da mesma forma acabou parando em mãos de crianças e adolescentes dentro de escolas. É uma distribuição de quantidade significativa e, para tanto, milhões de reais são destinados pelo Governo Federal!

Tenho em mão mais um material que faz apologia à prostituição! Para mim, a prática abordada nesse material é prostituição, embora não se trate de sexo pago. Alguns, porém, dizem que não é prostituição. É ridículo! Pode transar com 10, mas, se ninguém pagar, está tudo bem...?! E, se pagar, é crime? É uma coisa esquisita!

Aqui estão várias cenas de coitos homossexuais. São materiais com selo do Sistema Único de Saúde do Governo Federal! Então, é algo que, muitas vezes, a sociedade não fica sabendo, mas o filho do cidadão que paga seus impostos acaba recebendo tais cartilhas na escola e aprendendo que isso é educação sexual! Não admito! Isso aqui, no meu ponto de vista, é um desrespeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente! (*Palmas.*) E, pior: já há livros didáticos com apologia à imoralidade sexual antidemocrática, porque não acredito que os pais brasileiros aceitem que seus filhos recebam esse incentivo. A ordem principal é: *“Use camisinha, que está tudo bem”*. E não está, não!

Para encerrar, resalto que foram feitas pesquisas por 4 instituições íntegras dos Estados Unidos, que constataram que a eficiência das camisinhas é de apenas 85%. Mas ninguém fala disso na mídia. Ninguém diz que 15% das camisinhas, segundo as estatísticas, representam um comprometimento sério para doenças sexualmente transmissíveis e para a gravidez indesejada. Por isso é que tantas milhares de adolescentes estão engravidando mesmo usando duas camisinhas! Por isso é que meninas de 10 anos estão engravidando, mesmo usando camisinha!

Então, é uma aberração não transmitirmos à sociedade essa possível falha na única ação do Governo chamada preventiva. É lamentável que não exista nenhuma campanha de abstinência sexual, nem mesmo para crianças de 10 anos. Seria muito bom se o Governo Federal lançasse ou apoiasse nossa proposta de campanha nacional de abstinência sexual pelo menos para as crianças menores de 13 anos, conforme reza a legislação brasileira!

Para quem quiser mais informações, temos ali fora adesivos da campanha e cartazes para dar. Também está à disposição para quem quiser nos ajudar com 5 ou 10 reais um livro em que há muitas informações relevantes.



Mais uma vez, agradeço ao Deputado João Campos. Só Deus para recompensá-lo. Espero que V.Exa. nunca saia desta Casa. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Obrigado, professor. Parabéns pela exposição!

De fato, o material exibido pelo Prof. Cláudio Rufino é produzido pelo Governo brasileiro: *Brasil, um País de todos. (Governo Federal)*, e tem a marca do SUS. Alguns, principalmente aqueles que fizeram encaminhamentos no sentido da produção desse material com dinheiro público, entendem que é uma campanha de prevenção e que faz parte da política de redução de riscos, quer em relação ao uso e transmissíveis, quer em relação a outras situações. Acredito que todos nós somos a favor da redução de riscos, mas o detalhe é como desenvolver uma campanha educativa e preventiva.

Essa cartilha, da qual o professor mostrou algumas imagens, tem páginas que se aproximam mais de uma revista pornográfica, daquelas que são colocadas lacradas nas bancas de revistas, embora nem lacradas elas deversem estar ali. E o Governo brasileiro, com o dinheiro de todos nós, distribui isso nas escolas como se fosse material educativo.

Bom, o argumento é o de que essa é uma política de redução de danos, portanto, de caráter, inclusive, preventivo. Todos sabemos que a imagem comunica muito mais do que as letras, as palavras. Então, não era necessário encher isso de imagens com outro sentido, porque as palavras estão aqui: *“Redução de danos, beba menos”* — em relação às bebidas alcoólicas —, *“quando for beber, não se esqueça de alternar com comida ou com água”*. Aí vêm algumas informações nesse sentido.

Vejamos um exemplo na área das doenças sexualmente transmissíveis. Não vou ler o texto, apenas apresentar a imagem para V.Sas., porque todos sabemos que a imagem comunica muito mais, fica gravada com muito maior intensidade e duração do que as palavras. Vejam essa página (*exibe*). O que essas imagens comunicam? O que essas imagens têm de redução de danos em relação às doenças sexualmente transmissíveis? (*Pausa.*) Que mensagem educativa, pedagógica, na área da prevenção e da educação sexual têm essas imagens?



Estaremos fazendo uma representação, na semana que vem, no sentido de que sejam adotadas providências com relação a esse material. (*Palmas.*)

Há uns 3 anos, a Secretaria Nacional Antidrogas do Governo Federal editou um conjunto de cartilhas menores do que essa. Para muita coisa boa que vamos promover por aí, não conseguimos patrocínio de governo algum, mas para isso há patrocínio, e o material é da melhor qualidade, não é de segunda categoria, não. Vamos propor um seminário acerca do fortalecimento da família e da relação entre pais e filhos, para ver se conseguimos o dinheiro. É um sacrifício, uma via-crúcis!

Mas, há uns 3 anos, na Comissão de Segurança Pública, constatamos que a Secretaria Nacional Antidrogas também estava usando o mesmo argumento de redução de danos em relação ao uso de bebida alcoólica e distribuindo revistas de orientação, mas as orientações eram todas no sentido afirmativo, de estimular o uso da bebida: "*Beba moderadamente*". Qual é o núcleo? "Beber", está mandando beber! O que fica não é o "moderadamente". Havia um conjunto de expressões nessa direção. E, com um detalhe: todos sabemos que o álcool, por exemplo, é uma droga lícita, todavia proibida para menores de 18 anos, em relação a isso, porém, não havia absolutamente nada na cartilha, nenhuma observação!

Realizamos aqui uma audiência pública para tratar do fato e convocamos os representantes da Secretaria Nacional Antidrogas; depois, fizemos uma representação, provocamos o Ministério Público Federal para que propusesse uma cautelar em juízo, e o Juiz expediu essa cautelar, recomendando a apreensão de todo material, para que o Governo o adequasse a uma linguagem que atendesse ao programa que disse estar desenvolvendo, sob pena de o material ficar prejudicado. E assim foi feito.

Então, é preciso que todos nós, e não apenas a Câmara, estejamos de sentinela, de atalaia, porque, infelizmente, essas situações ocorrem de todos os lados.

Mais uma vez agradeço ao Prof. Cláudio Rufino.

Passamos agora para o próximo painel.

Convido a psicóloga Rosângela Justino para tomar assento à Mesa. A Dra. Rosângela tem contribuído muito conosco, quer com a Comissão de Segurança,



quer com a Frente Parlamentar Evangélica, quer com a Frente da Família e com outras iniciativas nossas, porque tem grande boa vontade de dar sua contribuição.

Antes de conceder a palavra a S.Sa., registro a presença do Deputado Zequinha Marinho, que não é membro da Comissão, mas, interessado no tema, aqui está nos acompanhando.

V.Sa. tem a palavra por 20 minutos, Dra. Rosângela.

**A SRA. ROSÂNGELA JUSTINO** - Boa tarde a todos.

Desde já, agradeço à Comissão a oportunidade de participar deste Seminário e falar dos efeitos psicossociais da precocidade sexual da criança e do adolescente — e vejo aqui várias profissionais que poderiam estar no meu lugar.

Faço questão de frisar que sou representante de uma entidade de sociedade civil para mostrar de que lugar estou falando e ninguém fazer perguntas difíceis, porque não vou poder responder.

Então, vou compartilhar aquilo que tenho aprendido ao longo da minha vida profissional na qualidade de especialista — sou psicóloga e tenho especialização em psicologia clínica escolar, educacional, psicodrama e também cursei atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. Desde 1989, venho apoiando pessoas acometidas por transtornos sexuais, sobreviventes de violências diversas e, especialmente, homossexuais.

Apoiei a implantação de diversas instituições, que chamamos de ministério de apoio; atuei na Missão Grupo de Amigos, no Exodus Brasil, que é uma missão internacional, e atualmente presido a ABRACEH, a Associação de Apoio ao Ser Humano e à Família, e gostaria de convidá-los a fazerem parte dessa associação como simpatizante. Temos uma ficha que está sendo distribuída aqui e com a qual não precisam se preocupar, pois ela não cria qualquer vínculo, é mais para os senhores receberem informações da ABRACEH e um exercício cidadão para garantia do direito de apoiar os sobreviventes de violências sexuais e outros.

Temos também uma lista de presença, que estará circulando e que se assemelha a um abaixo-assinado, contendo os nossos valores, as nossas lutas e a posição da ABRACEH. Sintam-se à vontade para preencher ou não as duas, uma delas ou nenhuma, porque isso tudo é voluntário, é mais para os senhores





conhecerem um pouco das nossas lutas, o que estamos fazendo e as nossas posições.

A posição da ABRACEH visa à garantia do direito. A ABRACEH foi criada para isso: garantir o direito de apoiar as pessoas nos mais diversos transtornos, incluindo os que desejam deixar a homossexualidade. E, conforme a Organização Mundial de Saúde, a homossexualidade pode ser um transtorno de orientação, de comportamento ou de preferência sexual, e pode haver vários transtornos junto com a homossexualidade.

Também apoiamos os envolvidos direta e indiretamente — familiares, crianças e adolescentes — em situação de risco social, priorizando os vitimados pelo abuso sexual.

*(Segue-se exibição de imagens.)*

Normalmente, nós recebemos as pessoas na ABRACEH nesse estado: muitos adultos sobreviventes de abusos, mas dentro deles há uma criança ferida, uma criança machucada. Mesmo que muitas dessas pessoas, socialmente, aparentem felicidade, carregam uma criança ferida dentro delas. E essa ferida, em sua maioria, é gerada pelo abuso sexual. Uma das feridas.

Essas figuras são do livro *Sobrevivência Emocional*, da Dra. Rosa Cukier, que fala das dores da infância revividas no drama do adulto.

O apoio da ABRACEH é exclusivo para essas pessoas, não para aquelas que desejam desenvolver transtornos comportamentais e sexuais. A ABRACEH é totalmente contra a filosofia do movimento da desconstrução social. E existe um movimento chamado desconstrução, que tem o intuito de desconstruir, minar, destruir, derrubar todos os conceitos e valores sociais, especialmente princípios cristãos, e defender a liberação sexual, a diversidade sexual, para que todas as formas de expressão sexual sejam validadas.

Percebemos em nossos estudos que há uma ligação desses movimentos com movimentos de amor erótico entre adultos e crianças e organizações que visam ao controle de população para o futuro domínio do Brasil. A ABRACEH não concorda também com a aliança do Conselho Federal de Psicologia, com o Movimento Pró-Homossexualismo, formalizado pela Resolução nº 01, de 1999, criada para a perseguição de profissionais que apóiam pessoas que voluntariamente desejam



deixar a homossexualidade, contrariando os principais teóricos e escolas da Psicologia, sabotando os direitos humanos e constitucionais de crianças e adolescentes e a Organização Mundial de Saúde, que já fala sobre esse tema de transtornos sexuais dentro da CID-10.

A ABRACEH também não está de acordo com projetos de lei nem com leis que trabalham contra a vida humana, visando ao controle demográfico para o futuro domínio do Brasil, tais como leis pró-aborto, pró-homossexualismo, diversidade, livre expressão sexual e prostituição, nem concorda com o apoio de qualquer órgão da sociedade ou Poder Público que apóie movimentos sociais que trabalhem contra a vida humana e contrariem os princípios cristãos conforme as escrituras sagradas.

As pessoas que participam das reuniões da ABRACEH normalmente preenchem a fichinha de adesão, essa lista de presença e também uma declaração de que estão indo voluntariamente. Isso porque muitas vezes somos acusados por movimentos de apoio de que obrigamos pessoas a deixarem a homossexualidade, mas um grande número de pessoas nos procura voluntariamente para esse apoio. Então, para nos precaver contra possíveis futuras perseguições, pedimos para as pessoas assinarem uma ficha dizendo que estão indo voluntariamente.

Então, também aqui todos são voluntários. Se concordarem com os nossos posicionamentos, podem assinar a lista de presença, que é uma forma de abaixo-assinado, colocando o *e-mail* especialmente, porque é a nossa forma de contato hoje. E também se quiserem fazer parte da ABRACEH como apoiadores simpatizantes, está aqui. Se quiserem dar uma olhada no Regimento Interno e Estatuto da ABRACEH também estamos à disposição para consulta.

Então, esse posicionamento da ABRACEH está estreitamente ligado à prevenção dos efeitos dos abusos sexuais contra criança e adolescente, como os senhores poderão observar. Mas para entendermos esses efeitos, precisamos entender o contexto em que vivemos, a identidade do ser humano, a nova identidade social imposta na atualidade e a história do sexo.

Eu pensei que fosse ter uma hora para a minha exposição e preparei um trabalho para uma hora, mas vou ter apenas 20 minutos e já devo ter falado uns 10 minutos.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Prorrogo seu tempo por mais 10 minutos.

**A SRA. ROSÂNGELA JUSTINO** - Então, vou tentar acelerar. Desculpem-me o mal-entendido. Se os senhores preencherem a ficha — e eu os estimulo a isso — e colocarem o seu *e-mail*, receberão os informativos da ABRACEH e ficarão informados acerca de tudo que estamos tratando aqui, com mais tranquilidade.

Nossa concepção de homem. Para falarmos sobre os efeitos, precisamos falar sobre a nossa concepção de homem, a identidade que o homem tem. O homem é um ser biopsicossociocultural e espiritual. Eu diria que nós somos seres espirituais e partimos do princípio de que fomos criados por Deus. Temos dimensão espiritual, psicológica e física. As dimensões psicológica e física são influenciadas pela espiritual.

Vamos pensar um pouco na identidade desse ser humano que quer ser adulto, criança, jovem. O que é ser criança? Ser criança é ser totalmente dependente de um adulto, certo? E há algumas características que são peculiares à criança. Por exemplo, um bebê agüenta esperar? Não. Se ele está com fome, ele berra; se urina e fica molhado, chora logo, porque quer ter a fralda trocada. Enfim, as crianças e as pessoas mais imaturas não agüentam esperar, não têm um controle maior que favoreça a espera. E isso é natural. Na medida em que crescemos, vamos adquirindo independência. O adolescente tem como característica a imaturidade, mas já pode inclusive ajudar, colaborar. E o adulto é aquele que já é independente e, então, auxilia a criança e o jovem. No entanto, na atualidade, há muitas pessoas que, emocionalmente falando, não cresceram.

Existe uma diferença entre idade cronológica e a idade emocional, e muitas pessoas ainda estão numa fase de imaturidade individualista, vivem em busca do prazer sexual e não se preocupam com o próximo. O *slogan* desses adultos imaturos e infantilizados normalmente é *“o importante é ser feliz, então vamos viver somente em busca do prazer e do prazer individual”*.

Dizem os tratados de inteligência emocional que o inteligente é aquele que controla os impulsos, adia a satisfação e espera. Eu diria que o inteligente sexual também é aquele que controla os seus impulsos, adia a sua satisfação e sabe esperar. Vivemos num mundo de utilização, em que as relações estão mais



“coisificadas”. Parto da teoria do psicodrama, que privilegia muito a necessidade do encontro humano, de invertermos papéis para compreender o ser humano. E o tipo de relação em que as pessoas saem fortalecidos é a relação eu/tu, como já diziam o filósofo Martin Buber e Jacob Levy Moreno, criador do psicodrama. Quando nos dirigimos a cada tu, estamos, consciente ou inconscientemente, nos dirigindo ao tu eterno, que é o único que não se transforma nisso. O eu só se encontra através do tu.

Como o ser humano está lidando com a sua sexualidade? Estamos preocupado com o outro? Na atualidade, adultos que somos, estamos vivendo no contexto individual, grupal e social preocupados com o outro, ou somente com a nossa satisfação pessoal? Como as pessoas estão vivendo ou expressando a sua sexualidade? Quem comanda a sua sexualidade? Partindo do princípio da criação: Deus nos criou assim, para andarmos em pé; cabeça aqui, coração aqui, a sexualidade mais abaixo, é a representação. Na verdade, precisamos usar a cabeça para controlar as nossas emoções, sentimentos e paixões. Uma pessoa que se deixa levar pela paixão vive deitada: *“Estou apaixonada”*. Quem se deixa levar pela sexualidade está de cabeça para baixo, é o sexo que o comanda, não a sua cabeça.

Para vivermos nossa sexualidade de forma saudável, precisamos usar a mente, a cabeça a fim de controlar os sentimentos, emoções e essa sexualidade. E uma sexualidade que não passa pelo afeto é uma relação coisificada, que não traz nenhum preenchimento, nenhuma satisfação pessoal, humana.

A forma com que lidamos com nossa sexualidade nos diversos conceitos sociais, seja social, grupal, individual, é uma responsabilidade de todos.

Pensando na pornografia, o que podemos entender? Que a pornografia é uma relação coisificada, que não envolve outro ser humano, mas um objeto, uma coisa. É a representação da nudez de seres humanos em todas as faixas, por qualquer meio, cenas, objetos obscenos e práticas sexuais diversas, com o fim de instigar a libido do observador, produzir excitação sexual. Eu diria que é uma forma imatura e inadequada de expor o privado, tornando-o público. Essa é minha forma de ver a pornografia.

Por que olhamos a pornografia? Primeiro, porque somos seres sexuados. A nudez produz em nós curiosidade, estimula nossos órgãos dos sentidos a partir da



visão, e podemos sentir prazer e excitação com ela. E não conseguimos fugir daquilo que nos dá prazer. Se somos expostos a figuras e cenas de nudez ou sexuais, claro que não podemos negar que ficaremos excitados sexualmente. Não podemos impedir a excitação que a pornografia produz em nós.

A pornografia é considerada uma parafilia, ou seja, a fonte de prazer não se encontra na cópula, mas em outra atividade. Há várias parafilias. O comportamento sexual parafilico pode ser considerado uma perversão, uma anormalidade, segundo os estudos científicos. As parafilias são distorções de preferência, são comportamentos que causam danos para o sujeito e para os outros, trazem prejuízos para a saúde e para a segurança e impedem o funcionamento sexual normal.

Como estamos falando em efeito, a pornografia estabelece um relacionamento com um objeto, uma coisa, e a pessoa pode se acostumar com esse tipo de relação; ela pode se viciar, querer mais, sentir prazer com isso, entrar num círculo vicioso e depois querer praticar aquilo que ela viu.

A pornografia normalmente tem imagens irreais. Muitos homens quando vêem pornografia começam a querer que sua mulher reproduza as posições, outros passam a achar sua companheira mais feia. O relacionamento sexual fica prejudicado, porque ele já se acostumou à visão da pornografia, que é uma realidade diferente da natural.

Quando vê pornografia, o homem se excita. Quando está com uma mulher, porém, ele precisa estabelecer um vínculo, uma ligação para que a relação aconteça e flua, de forma que esse encontro profundo sexual preencha e satisfaça a ambos. A pornografia impede o funcionamento sexual normal.

Aqui há algumas parafilias: fetichismo, travestismo, pedofilia, sadomasoquismo, para os senhores situarem onde está a pedofilia. Alguns estudiosos dizem que a pedofilia e a pornografia infantil são 2 lados da mesma moeda. A pedofilia é um transtorno de preferência sexual, a pornografia infantil é um crime — sabemos disso.

A pedofilia é uma estrutura de personalidade, uma forma de perversão, cuja tentativa de cura esbarra em alguns problemas. A psicanálise, por exemplo, diz que o perverso não consegue localizar o problema nele mesmo, o que impede a



realização de um tratamento. E os pedófilos acabam se deixando pegar, muitos deles, porque querem alguma forma de controle para suas compulsões, um controle vindo de fora. É muito comum, então, os perversos, os pedófilos, de alguma forma deixarem alguma pista para serem pegos.

A pornografia na Internet, que é mais badalada, é um meio de exposição das crianças às violências e resulta em perturbação para elas, que têm dificuldade em distinguir a fantasia da realidade. É muito fácil se deparar com a pornografia na Internet, as crianças usam a Internet e não podem impedir a excitação sexual quando vêem pornografia. Elas não podem impedir a curiosidade nem a excitação sexual. Então, a pornografia pode estimular sexualmente, excitar as crianças também.

É uma violência sádica. Esses meios condicionam não só os adultos, mas também os jovens e as crianças expostas à pornografia, e têm o objetivo de fazê-las aceitar como normal essa forma de abuso.

Diria, então, que a pornografia é uma forma de abuso sexual.

A pornografia tem sido estudada como instrumento de crítica política e social, uma forma de questionar valores sociais, morais e políticos. Há inclusive um livro de Lynn Hunt, *Pornografia, instrumento de crítica*, que fala sobre isso.

A motivação política para a pornografia ajudou a provocar a revolução, a abalar legitimidades do antigo regime político e social. Fala-se muito na época da Revolução Francesa, 1789. A Revolução começou, e a pornografia não afundou, mas, com a superação do movimento revolucionário, a pornografia política se esvaiu para um outro estilo e voltou a questionar os valores morais.

A pornografia é também usada como motivação política. Marquês de Sade falava da excitação sexual e a pornografia. Em sua obra, há estupro, incesto, parricídio, profanação, sodomia, tribalismo, pedofilia e todas as mais terríveis formas de tortura e assassinato associados à excitação sexual. Vejam bem os efeitos dessa excitação sexual promovida pela pornografia: ele explorou a possibilidade da pornografia, a aniquilação do corpo em nome do desejo, o prazer em nome do desejo.

Do ponto de vista fisiológico, a pornografia pode trazer muitas dificuldades para o corpo, não só transtornos emocionais, mas também enfermidades. Muitos



jovens envolvidos com a pornografia acabam praticando as cenas que vêem, e as infecções sexualmente transmissíveis estão aí. Temos pornografia de todo os gêneros — pornografia heterossexual, pornografia com crianças, pornografia homossexual, pornografia de toda espécie. E esse é um problema de saúde pública. A pornografia, para mim, é um problema de saúde pública.

E qual é o propósito da pornografia neste momento da história? Quando vemos pornografia na Internet podemos desligar o computador, mas existem outras cenas que passam pela nossa vida que nós não podemos estar desligando e ligando como na Internet. Por exemplo, imagens eróticas e sensuais nos são apresentadas a todo instante em programas e propagandas de tevê, nos meios de comunicação de uma forma geral, em manifestações culturais, músicas, poesias, arte, moda; produtos associados a imagem sensuais, sexuais, observados através de filmes, de *outdoors*, de periódicos; teatro, programas de TV, manifestações culturais promovidos para crianças e adolescentes.

. Vejam essa pornografia — não parece pornografia?: “*Carnaval dos baixinhos*”, um disco da Xuxa. Não parece pornografia para crianças? Disco, CD infantil. Estão vendo? Carnaval da Xuxa.

A socióloga Tatiana Landini assinala muito bem. Em alguns pontos discordo dela, mas há programas infantis marcados por intensa sexualização. Ela fala dos programas da Xuxa, das Paquitas, da série Lolita.

Fora da televisão, o cenário se completa. Butiques adaptam seus moldes e modelos para um público cada vez mais jovem. O mercado de embelezamento infanto-juvenil está em alta: penteados, maquiagens, retirada de sobrancelhas e massagens já faz parte da rotina de crianças e de adolescentes dos grandes centros urbanos.

Há também a tendência de vestir a mulher adulta de modo que elas pareçam adolescentes, o que vai ao encontro dessa sexualização de crianças e de adolescentes e da infantilização dos adultos, especialmente das mulheres, apresentadas nas pornografias não só como objetos, mas como animalzinhos, coelhinhas, não sei lá o quê. Infantiliza-se os adultos e trabalha-se para exacerbar a sexualidade das crianças, desde bebê.



No disco *A Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes, não tem nada de mais na capa, bonitinho, não é? É até um tema bíblico. Mas dele consta a música *A Aula de Piano*. Não sei quantos aqui conhecem a *A Aula de Piano*. A canção conta a história da menininha que recebia o professor de piano em casa; a menininha ficava a esperar o professor de piano que chegava e começava a nova lição; a menininha, tão bonitinha, enchia casa feito clarim, tudo muito poético, abria o peito, mandava brasa e solfejava. O tom da música é: “*ai, ai, ai, ai, ai, lá, sol, fá (sofá), mi, ré, tira a mão daí, dó, dó, dó, ré, si, aqui não dá pé, mi, mã, fá, mi, ré, e agora o sol, sol, fá, (sofá) para a lição acabar*”. Então, a entonação sempre remete a criança para o sofá com o professor de piano. E diz o refrão: “*Quem não chora não mama. Veio o sucesso/ e a consagração/ que finalmente deitaram na fama,/ tendo atingido a total perfeição./ Nunca se viu tanta variedade/ a 4 mãos em concerto de amor,/ mas, na verdade, tinham saudade/ de quando ele era o seu professor/ e quando ela, menininha bela, abria o berrador ah, ah, ah*”. Canção para criança do nosso querido Vinícius de Moraes — letra do Vinícius e música Toquinho. É de arrepiar!

Isso é para os senhores verem como a pornografia e a estimulação precoce de crianças e de adolescentes estão nos cercando.

Periódicos, revistas e livros escolares que abordam imagens de pessoas nuas vemos a todo instante. A exibição de mulheres seminuas nas bancas de jornais chega a ser abusiva. E bancas de jornais, muitas vezes, ficam nas portas das escolas — já vi isso muito em minha cidade, Niterói. Fico muito triste quando vejo, numa banca de jornal, aquelas exposições todas para as nossas crianças e adolescentes. Não sei se aqui em Brasília é assim, mas em Niterói é e na cidade do Rio de Janeiro, também.

O Estado estimulando sexualmente — acho que vou passar essa, porque o Cláudio Rufino já falou a respeito —, são cartilhas do Estado que promovem o estímulo social e os efeitos do abuso; calendário cultural, cenas de simulação de sexo explícito ou não, sem censura, crianças e adolescentes participando, músicas, poesia, artes plásticas, como vimos, no Carnaval e nas passeatas gays, e muitas vezes com divulgação simultânea na mídia.

Tenho aqui um DVD que eu produzi sobre a passeata gay em Niterói: crianças assistem a cenas de quase sexo. Niterói é uma cidade muito bonita, e não





sei se ela estimula o erotismo. Não sei o que há em Niterói, mas na praia de Icaraí pessoas têm relação sexual na hora da passeata gay. Eles fazem simulação de sexo, e crianças e adolescentes assistem a essas cenas. Tenho aqui as provas. Até vou passar um DVD desses para o Deputado João Campos. Já passei para alguns Parlamentares, como o Senador Magno Malta.

Então, cenas de sexo, quase sexo, nudez simultâneas, nós vemos e achamos normal. Há passividade social e cultural com relação às mais diversas formas de abuso, sem que se tenha a mínima consciência. Às vezes, não temos consciência de que estamos sofrendo e perpetrando abusos. Há omissão, há conivência da nossa parte. Precisamos estar atentos a essa situação. Não adianta combatermos o efeito e não irmos às causas, o que se está fazendo com que nos acostumemos a essa estimulação sexual que não podemos impedir.

Os autores, logicamente, com o intento de abusar, aproveitam essa passividade social para estimularem sexualmente as possíveis vítimas. O intento é gerar na sociedade uma forma de aceitação da pornografia ao vivo. Essa é a minha tese.

A estimulação sexual de crianças e de adultos promove essa assimilação subliminar dos conceitos e valores advindos da liberação sexual. A erotização precoce, comportamentos sexualizados que parecem normais levam às crianças a um desenvolvimento fálico para o qual elas não estão prontas, nem física nem psicologicamente, como pessoas em processo de desenvolvimento, e elas ficam excitadas sexualmente. Se nós, adultos, ficamos, logicamente as crianças, que são seres sexualizados, também ficam.

É uma inteligência perversa, usada para o mal. Primeiro, estimulamos sexualmente as crianças e adultos de todas as formas. Aí, nem adultos nem crianças vão poder impedir a excitação sexual. Dessa forma, levam a criança, no caso, a consentir para depois fazerem com que a vítima, ou seja, a criança, quis ser abusada, fazendo-a inclusive se sentir responsável pelo abuso. Primeiro, há uma estimulação, uma aceitação social da pornografia ou de todas as formas de estimulação sexual. E, aí, esse processo de estímulo favorece o abuso sexual. Depois, com essa excitação, no caso a criança, ela acaba sendo responsabilizada por isso. É disso que os autores de abuso utilizam.



Hoje, a normalização da pedofilia está fácil. Teóricos do movimento da desconstrução social declaram, por exemplo, abertamente, que o tabu do incesto precisa ser desconstruído. As relações entre pais e filhos devem fluir livremente. Alegam que tais proibições não passam de tabus criados pelo sistema patriarcal, o que denominam normatividade compulsória heterossexual.

Tenho lido material do movimento da desconstrução social. Inclusive o livro da Judith Butler, feminista, lésbica e uma das desconstrutoras sociais que quer naturalizar as relações incestuosas. Hoje, já se fala abertamente sobre isso, porque já estamos acostumados com os abusos, com as cenas eróticas que vimos em toda a parte.

É intenção desses movimentos sociais e desse corpo teórico da desconstrução social criar uma nova identidade cultural e social, novos valores, que querem estabelecer a partir da desconstrução dos conceitos advindos das Escrituras Sagradas e da fé cristã. Por quê? Porque o Cristianismo é que tem, vamos dizer, de alguma maneira, exercido o controle do sistema de crenças e de valores sociais, de dizer que há uma ética social e sexual que precisamos perseguir, embora saibamos dos escândalos cristãos, tanto católicos, como protestantes. Não podemos negar isso. As igrejas também estão contaminadas. Há um círculo vicioso criado por essa cultura da erotização. A cultura do abuso sexual contra a criança e o adolescente entra nas igrejas, mas elas ainda defendem a cultura do valor ético, das relações com as crianças e os adolescentes.

A intenção desses movimentos é desqualificar a dimensão espiritual do ser humano, destruindo a fé em Deus, levando à morte espiritual, do ponto de vista da representação na área espiritual. Fragiliza o ser humano emocionalmente, atinge a sua dimensão espiritual, psicológica e física, criando situações que deixam essas pessoas vulneráveis a enfermidades. Observamos claros efeitos do ponto de vista espiritual, emocional e físico.

Declaração do Estado laico é uma armadilha, é uma forma de declarar a morte de Deus. Como nós, políticos, legisladores, podemos legislar e governar sem pensar na dimensão espiritual do ser humano? O Estado laico, armadilha. (*Palmas.*) Então, sem Deus, pode tudo; pode inclusive o abuso sexual.



A perseguição à Igreja, os novos modelos fora do propósito de Deus representam a implantação da cultura da morte. Na verdade, vemos a pornografia e o abuso sexual como morte física, emocional e espiritual.

Pretendem a criação de projetos para garantir a destruição dos valores humanos. A manipulação de embriões, o aborto, a defesa dos direitos homossexuais não passam também de estímulos para educar por abuso, aceitá-los como natural.

Senhores, nunca falamos tanto em sexo e nunca vimos na história da humanidade tantas pessoas com problemas sexuais! Propagandas que estimulam apetites sexuais a toda hora; laboratórios que faturam com as infecções sexualmente transmissíveis; pessoas que estão em estado terminal com a escravização sexual. Elas estão de cabeça para baixo. Lembram da figura? O mundo está de cabeça para baixo. É a sexualidade que está comandando. O ser humano perdeu a cabeça, já se acostumou ao estímulo sexual.

Em todos esses movimentos para a liberação sexual, e com verbas, muitas vezes, do Poder Público e dos países do Primeiro Mundo, eu desconfio que há interesses. Esse interesse mundial de controle de população passa também pelo abuso sexual. Não sei se é realidade ou uma fantasia minha, mas gostaria de compartilhar essa angústia com os senhores.

Já ultrapassei os 5 minutos que me foram conferidos, mas ainda estou na metade da minha palestra. Acho que tenho de ficar por aqui.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Conclua, por favor.

**A SRA. ROSÂNGELA JUSTINO** - Vou concluir.

É importante compartilhar com todos, se agüentarem mais um minutinho, minha preocupação com referência à educação dos meninos.

Na revista *Estudos Feministas*, há um texto de Daniel Welzer-Lang, denominado *Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*, segundo o qual a educação dos meninos ocorre em constantes relações homossexuais, masturbação mútua, inclusive com a participação de adultos. A pornografia é vista, tanto individual quanto coletivamente, servindo de estimulação para se excitaram sexualmente.

Essa é a realidade. As crianças e os adolescentes utilizam a pornografia, tanto individualmente quanto em grupo, para se excitar. E, devido às cenas a que



assistem, partem para a prática: se masturbam, e, ao mesmo tempo em que sentem prazer ao se relacionar com outro menino, como se fosse mulher, é uma constante luta para provar uns para os outros a sua masculinidade. E essa luta continua para o resto da vida dos homens.

As influências dessas brincadeiras sexuais ocorrem em todo o lugar, em banheiros das igrejas e das escolas, em banheiros públicos de forma geral, onde homens, crianças e adolescentes se encontram. As brincadeiras sexuais não são entendidas como abuso sexual, mas sabemos que são brincadeiras abusivas — e o autor reconhece isso. Os mais frágeis se colocam no papel de mulher e os demais numa relação de agressividade e de competitividade entre eles.

Aqueles que resistem a essa iniciação sexual são obrigados a fazer essa aprendizagem sexual — os não ditos — a que os meninos são submetidos. E essa aprendizagem sexual ocorre no sofrimento, sofrimento psíquico, muitas vezes porque um se compara com o outro. Eles comparam o desempenho deles. E é muito doloroso o sofrimento dos corpos que devem endurecer para poder jogar corretamente.

Fala-se muito que os homens são autores de abuso, mas as brincadeiras sexuais entre eles, desde a infância, são abusivas e agressivas. *“O sofrimento dos corpos que devem endurecer para poder jogar corretamente. Os pés, as mãos, os músculos se formam, se modelam e se rigidificam por uma espécie de jogo sadomasoquista com a dor. O pequeno homem deve aprender a aceitar o sofrimento sem dizer uma palavra e sem amaldiçoar para integrar o círculo dos homens, num monte de choros, de decepções e tristezas escondidas que se associam a eles, e depois para ser melhor, para ganhar o direito de estar com os outros homens, para ser como os outros. A educação dos homens é uma violência contra eles mesmos. E aí a guerra, os reflexos disso para a vida adulta. A guerra que os homens empreendem em seus próprios corpos é inicialmente contra eles. Depois, é contra os outros — a competição entre os homens. Ser homem é ser diferente, diferente da mulher.”*

Vale destacar que esse autor — vou falar com as minhas palavras, senão levarei muito tempo — afirma que as crianças se agredem mutuamente, que os homens aprendem os abusos sexuais entre eles, e, quando crescem, começam a



agredir também as mulheres. Aplicamos, então, a Lei Maria da Penha, e, como consequência, eles são colocados na prisão. Mas eles aprendem essa agressividade desde pequenos. A agressão às mulheres é uma forma de exorcizar o lado feminino deles ou a posição de fêmea a que foram obrigados a assumir muitas vezes na infância e na adolescência.

Esse tema é muito profundo. Ele fala dos artistas, dos cantores que, por meio das músicas, visitam “a casa dos homens”, os meninos que são iniciados.

Para finalizar a minha participação, eu trago uma mensagem das Escrituras Sagradas, no Evangelho de São Mateus, versículo 18:5-6, que diz: *“Qualquer que recebe uma criança em meu nome a mim me recebe. E quem fizer tropeçar a um desses que crê em mim é melhor que fora que se lhe pendurasse no pescoço uma grande pedra de moinho e fosse afogado na profundidade do mar”*.

Essa mensagem é forte, e mostra como Deus se preocupa com as crianças. Mas somos também responsáveis por elas. Precisamos nos conscientizar de que às vezes somos coniventes e nos acostumamos com os abusos das diversas formas. Precisamos nos arrepender e mudar a sociedade, e não nos conformarmos com capas de revistas, como essa que mostrei da Xuxa, com certo tipo de poesia, como a que mostrei do Vinícius, enfim, com várias outras manifestações culturais. Tudo isso leva as pessoas, desde criança, a se submeterem à agressão sexual e, na vida adulta, a se tornarem perpetradoras de abuso. As pesquisas mostram que, no mínimo, 50% das pessoas que foram abusadas também se tornam perpetradoras de abuso. E, com certeza, muitos de nós fomos abusados e muitos de nós, se não somos perpetradores, somos minimamente coniventes com os abusos sexuais contra as crianças e os adolescentes. *(Palmas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Dra. Rosângela, duas indagações foram encaminhadas.

A Dra. Maria do Socorro, pediatra, faz a seguinte indagação: *“Como orientar as famílias cujos pais, bem-intencionados, compram revistas de mulheres peladas para os filhos adolescentes, visando ao bem-estar sexual deles? Não seria uma forma de introdução dos filhos à pornografia?”*

**A SRA. ROSÂNGELA JUSTINO** - Com certeza. E isso é fruto de ignorância. Nós nos acostumamos com o abuso, com as cenas pornográficas, e achamos que



ensinar sexo é ensinar através de figuras. Mas nós temos um instinto. Deus nos criou de forma muito perfeita. Não precisamos ser ensinados ou iniciados, através de pornografia, na sexualidade, porque, quando não somos atropelados por abusos e outras violências, a nossa sexualidade segue o curso normal. Na vida adulta, quando o homem e a mulher se encontram, eles naturalmente acabam na interação sexual, e, daí, vem o carinho, o amor. É o instinto.

Então, não precisa de ninguém fazer qualquer aprendizado através de revistas. Algumas orientações são básicas, mas não é com pornografia, com cenas eróticas que vamos educar.

Infelizmente, muitos pais estão apresentando pornografia aos filhos, e essa é uma forma de abuso sexual contra a criança e o adolescente. No caso de casais que têm problemas sexuais, os maridos levam pornografia para as esposas, e isso também é um abuso. Se, na infância ou na adolescência, esses adultos sobreviventes “aprenderam” — entre aspas — com a pornografia, eles vão levar para casa essa forma de abuso, essa forma de violência sexual contra o cônjuge.

Tive uma experiência muito interessante esta semana. Tenho tido várias, mas a desta semana foi um caso especial. Eu estava em São Paulo — a ABRACEH tem trabalhos no Rio de Janeiro e em São Paulo, e uma vez por mês eu vou a São Paulo. Eu estive conversando com um rapaz, travesti, que se prostitui no centro de São Paulo, no Bairro Luz. Em São Paulo, eu tenho oportunidade de conversar com eles. Na verdade, fico tentando ouvir algo diferente, mas é sempre igual. As pessoas têm sempre a mesma experiência. Os travestis e muitas pessoas que desenvolveram a homossexualidade sempre têm uma experiência de abuso sexual. Eu perguntei a ele como havia chegado à prostituição. Ele estava esperando um cliente, e eu conversava com ele no meio da rua — não sozinha, logicamente, havia outra pessoa comigo. E, então, ele falou: *“Eu fui abordado sexualmente pelo meu cunhado, pelo meu padrasto, pelo meu irmão, pelo vizinho, e o meu corpo se acostumou. Inicialmente, era um sofrimento. Mas, depois, o meu corpo se acostumou. Eu não gostava, mas eu era obrigado àquele tipo de situação”*. É essa “casa dos homens” que vimos aqui. E ele disse mais: *“Daí, eu acabei deixando, mas depois eu comecei a sentir prazer nisso aí”*. Eu falei para ele que era uma situação



dura, que eu ouvia essas histórias constantemente, pois há mais de 20 anos eu apóio pessoas que estão na homossexualidade.

Então, eu disse para ele que eu vinha aqui falar sobre os efeitos do abuso sexual e que queria trazer a voz dele para a Câmara dos Deputados. Perguntei o que ele diria se estivesse em meu lugar. Ele pensou, pensou, e disse assim: *“A minha mensagem é para os pais e para as mães: não deixem seus filhos viverem longe dos seus olhos. Tomem conta de seus filhos, porque os meninos se encontram, fazem brincadeiras sexuais, são abordados pelos homens. As mães e os pais se distraem com isso”*.

Existe um movimento, e por isso digo que a pornografia e o abuso sexual têm uma natureza política por trás. Por que os pais estão fora de casa? Pais e mães estão sendo obrigados a trabalhar o dia inteiro, não têm contato com os filhos e os deixam aos cuidados de terceiros. Muitas vezes, as crianças são atropeladas pelo abuso sexual. As estatísticas são altíssimas. Já perdemos o controle do abuso sexual. Se definirmos como abuso sexual as cenas que vemos diariamente, 100% de nós já fomos abusados sexualmente. Esse é um problema muito sério. As crianças estão abandonadas.

Eu sou psicóloga, mas não concordo com muita coisa que alguns colegas falam. E uma das coisas erradas é em relação à qualidade e a quantidade. Muitos dizem que não é preciso quantidade de atenção à criança. Eu discordo. Qualidade não é suficiente. Precisamos estar perto das crianças e adolescentes, passando-lhes o nosso sistema de valores. Senão, elas serão educadas pela mídia que está toda erotizada, pelas revistas pornográficas, pelo movimento da liberação sexual que tem até acordo com o Ministério da Educação para implantar a teoria da liberação sexual nas escolas, como se isso fosse natural.

Eu não estou falando desses movimentos sociais, porque vejo que esses ativistas são vítimas de todo o poder político e econômico que está por trás dos abusos sexuais. É uma situação muito delicada. E eu também sou contra esses movimentos feministas, pró-homossexualismo. A maioria dos movimentos feministas são compostos por pessoas que vivenciam a homossexualidade, mulheres revoltadas com homens que abusaram sexualmente delas. Muitas mulheres querem o extermínio do homem macho heterossexual porque foram abusadas na infância.



Esses homens crescem, ficam agressivos e agredem as mulheres. Esses movimentos são de revolta contra essa prática. Mas não é com o extermínio da humanidade, através de aborto ou da liberação sexual, que gera infecções sexualmente transmissíveis, que vamos resolver esse problema. Precisamos ir lá na causa, no abuso sexual contra crianças e adolescentes, mas especialmente no abuso sexual contra os meninos, porque os homens heterossexuais estão sendo considerados inimigos desses movimentos, tanto de lésbicas feministas, quanto do movimento pró-homossexualismo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Dra. Rosângela, temos outra pergunta, esta do Dr. José Rocha Neto, membro do Ministério Público de Roraima: *“Vinícius de Moraes e Toquinho, a senhora tem certeza dessa afirmação?”*

**A SRA. ROSÂNGELA JUSTINO** - Tenho.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Deixe-me continuar: *“Para mim, são apenas notas musicais sol, fá...”*

**A SRA. ROSÂNGELA JUSTINO** - Ouça a música. Procure na Internet.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - *“Não é perigoso fazer esse tipo de raciocínio, eis que, se assim for, tudo terá cunho sexual?”*

**A SRA. ROSÂNGELA JUSTINO** - Procure. Eu sei que é difícil entender. Eu sou apaixonada por Vinícius de Moraes, Toquinho, música popular brasileira — lembra meu tempo de juventude. Eu também não acreditei quando ouvi essa música. Uma amiga minha, psicóloga, que tem filho pequeno, me passou a informação: *“Rosângela, você tem falado sobre isso. Olha só, eu ouvi essa música. Veja só a letra”*. E tocou a música. O senhor pode conseguir a música na Internet. Acho que a tenho até aqui no meu computador, mas é entonação, ouçam.

Nós nos acostumamos tanto com abuso sexual que achamos que é apenas poesia. E com poesia ficamos estimulado sexualmente, e o abuso ocorre. Isso é real e muito duro. Nós negamos, não queremos ver a realidade. Como podemos ser contra uma música do Vinícius de Moraes e do Toquinho? Imagina, eles são artistas. Nós os amamos. Achamos eles o máximo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Agradeço à Dra. Rosângela Justino as contribuições. Ela acabou conseguindo o tempo que desejava.





**A SRA. ROSÂNGELA JUSTINO** - Consegui, mas não deu para dizer tudo.

(Risos)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Embora tenha usado sua capacidade de síntese. (Risos)

**A SRA. ROSÂNGELA JUSTINO** - É um exercício difícil para mim, mas tudo bem.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Muito obrigado, em nome da Comissão e da Casa. A senhora que tem sido uma companheira constante em nossas atividades. Sempre que convidada, tem se colocado à disposição, com uma contribuição muito rica. Que Deus lhe abençoe sempre.

**A SRA. ROSÂNGELA JUSTINO** - Tenho recebido vários *e-mails* de pessoas em Brasília que querem deixar a homossexualidade, de famílias preocupadas com esse tema. Amanhã, às 9h, Comunidade Vinha, na 307, Asa Norte, farei uma palestra sob o título *Da Homossexualidade à Heterossexualidade — A Possibilidade de Resgate da Heterossexualidade*. Todos estão convidados.

Pretendo conhecer as pessoas envolvidas com esse tema aqui em Brasília para criarmos uma rede de apoio. Já existem trabalhos, mas as pessoas não os conhecem. Àqueles que puderem comparecer, será um prazer recebê-los.. Obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Vamos dizer um obrigado com aplausos. Obrigado, Dra. Rosângela. (Palmas.)

Quero registrar a presença — infelizmente, não tenho o nome de todos — de algumas pessoas: do Deputado Silas Câmara, Parlamentar brilhante e atuante que muito se interessa por esses temas relacionados à família, à criança, ao adolescente; do Dr. José Augusto Peres Filho, Procurador-Geral de Justiça no Rio Grande do Norte; do Dr. Ben-Hur Cirino de Medeiros, Delegado-Geral da Polícia Civil do Rio Grande do Norte; da Dra. Leila Quintanilha de Souza Vidal, Delegada-Chefe da Divisão de Direitos Humanos da Polícia Federal; do Pastor Valtenir, representante do PSDB do Distrito Federal; da Dra. Benedita Rosarinha de Arruda Bastos, Presidente da Comissão da Infância e Juventude da OAB — Seccional de Mato Grosso; do Pastor Elias Castilho, Secretário-Executivo da Frente Parlamentar Evangélica; da Dra. Damares, Assessora Parlamentar; do Dr. Abizair Paniago,



Superintendente da Polícia do Estado do Tocantins; e do Pastor Wilton, Coordenador do FENASP.

Desejo fazer a seguinte comunicação. No próximo painel, teríamos como expositor o Deputado Estadual Walter Araújo, de Rondônia, que abordaria o tema *Propostas de políticas nos âmbitos municipal, estadual e federal para combater e prevenir os crimes sexuais contra crianças e adolescentes*.

Ocorre que, em virtude de uma decisão judicial em Rondônia, se criou uma insegurança institucional na área política, e S.Exa. entendeu que era necessário permanecer no Estado. Lamentamos, mas compreendemos.

Temos, na seqüência, o painel *Propostas de uma mídia sem pornografia, aliada a campanhas de conscientização e prevenção contra crimes sexuais*.

O expositor Pastor Samuel Câmara encontra-se na Comissão. Convido-o para tomar assento à Mesa.

Peço ao Deputado Silas Câmara que registre a presença dos amigos que o acompanham.

**O SR. DEPUTADO SILAS CÂMARA** - Obrigado, Sr. Presidente.

Aproveito a oportunidade para parabenizar a Comissão pela iniciativa deste seminário.

Registro a presença do Pastor Moisés de Melo e Silva, Vice-Presidente da Convenção Estadual das Assembléias de Deus do Amazonas; do Presidente da Rede Assembléia de Deus; do Pastor Sóstenes, assessor do Pastor Samuel Câmara, além de outros companheiros que vieram de Manaus, do Rio de Janeiro e de Belém..

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Obrigado, Deputado Silas Câmara.

Registro a presença de Joyce Mathias, Coordenadora do Movimento Jovem Cristão, e de Emerson Palmieri, Secretário da Juventude da cidade de Santo Antônio do Descoberto, Estado de Goiás.

O expositor deste painel é advogado, teólogo, pedagogo, filósofo, possui MDA em Comunicação de Massa e, acima de tudo, é pastor.

Concedo a palavra ao Pastor Samuel Câmara, por 20 minutos.



**O SR. SAMUEL CÂMARA** - Muito obrigado, Deputado João Campos, que preside esta sessão.

Parabenizo a Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado, presidida pelo Deputado Raul Jungmann.

Boa tarde, senhoras e senhores, autoridades que se fazem presentes.

Parabéns, conferencistas e palestrantes, que com certeza já subsidiaram os participantes com tantas informações que facilitaram um pouco o que trago neste instante. Não sou um *expert* no assunto, mas trago algumas contribuições para a nossa reflexão.

Propuseram-me o tema *Propostas de uma mídia sem pornografia. aliada a campanhas de conscientização e prevenção contra crimes sexuais*. Eu vou me utilizar de um texto bíblico interessante. Davi era monarca, preocupado com muitas coisas que já existiam na sociedade daquela época; e, como poeta, resumiu sua convicção no Salmo 51,5, com uma afirmação preocupante: “*Em erro fui formado, e em erro me concebeu minha mãe*”.

Isso tem sido tema de debates para psicólogos, teólogos e muitas outras pessoas. Mas uma análise prática dessa afirmação nos leva a imaginar que Davi apenas estava dizendo: a primeira lembrança que eu tive do mundo foi de um mundo um tanto desastrado, um mundo um tanto errado, um mundo que não respeitava a minha inocência de criança e que me ensinava fora de tempo alguns comportamentos para os quais eu não estava preparado.

Provavelmente, ele não estaria discutindo aqui a influência intra-uterina, coisas com as quais ainda a ciência nos ajudará, mas a perplexidade dele foi expressa nesse salmo. “*Em erro fui formado, e em erro me concebeu minha mãe*”. Assim ele via o mundo.

Estamos falando de crimes sexuais e de nossa grande preocupação com a criança e com o adolescente. É interessante nos colocarmos na posição do adolescente ou da criança para sentir como eles vêem o mundo, como, de algum modo, viola o mundo inocente da criança e do adolescente, fazendo com que sejam expostos a situações para as quais a própria sociedade não os preparou.



Eu gostaria de levá-los a pensar em 3 instâncias, pelo menos. Nessa situação, qual o papel do Estado, o papel da família e o papel de alguns outros grupos sociais, como a própria Igreja?

Como proposta, eu não tenho mais o direito de raciocinar muito, mas de ser prático, já ao final da tarde. Ao Estado, todos concordamos, compete educar, porque só o processo corretivo e repressivo parece perpetuar as situações de crime. Não estamos tendo condições de punir e de recuperar as pessoas. E também todos concordamos que o Estado tem de educar e educar bem, de cada vez pensar mais cedo na preparação dos seres humanos diante da ação do crime organizado. Em décadas passadas, falávamos de problemas como esses para adultos; depois, passamos a nos assustar quando a faixa de preferência desses criminosos desceu para os jovens; não passou muito tempo. e essas organizações já estavam olhando para adolescentes; e, agora, já têm em vista as crianças.

E quando não estamos nem tendo tempo para assimilar essas transformações e o Governo de legislar a respeito e de se preparar para enfrentá-las, já estamos percebendo que o crime organizado é tão rápido e tão veloz que já se procura envolver crianças em idade até inconcebível para todos nós. Neste País, as pessoas já dizem: *“Se você pensa que o problema do abuso sexual chegou a crianças de 4, de 6 anos, se preocupe, porque entre a incubadora e o berçário isso já acontece”*.

De modo que o crime tem sido muito mais eficiente do que o próprio Estado no sentido de se preparar para regulamentar e para punir, e não só quando se instala uma CPI, não só quando há um caso que impacta a sociedade. Quando a mídia descobre um caso desses e o faz conhecido do Brasil, significa que outros milhares estão encoberto. Lamentavelmente, temos dificuldade de ver uma regularidade na aplicação da legislação e na punição desses elementos, para que a sociedade tenha certeza de que isso não é uma onda, não é uma moda, não ocorre só quando temos uma situação que nos constrange. Na verdade, isso acontece todo o dia, toda a hora; são milhares e milhares de casos, e a sociedade precisa sentir que o aparato do Estado realmente considera isso como algo que mereça um consistente e regular combate, para não discutirmos aqui também um aspecto que,



lamentavelmente, nós, brasileiros, temos de curtir: a justiça social. Labutamos muito nessa área.

Em nossa cidade, ao fazermos um trabalho social e religioso, observamos que no Hotel Jesus praticavam-se abusos sexuais e comércio de sexo. Fiquei curioso, observei o movimento e concluí que se tratava de um motel. Havia trânsito de pessoas, inclusive menores de idade e tal.

Depois, numa conversa com o governante, disse: *“Olha, eu acho que podemos fazer alguma coisa, como Igreja e organização social, em relação a essa questão”*. Ele perguntou: *“Como podemos fazer isso?”* Eu respondi: *“Eu gostaria de comprar aquele hotel chamado Jesus”*. Ele disse: *“Você é louco? O que você, pastor, vai fazer?”* Eu falei: *“Nada. Eu gostaria de ter aquele hotel para continuar com a mesma finalidade que ele tem”*. Ele disse: *“Mas você não pode fazer isso. Você é pastor. As pessoas vão te censurar”*. Eu disse: *“Mas eu queria fazer uma experiência”*. A experiência seria a seguinte: eu faria uma proposta a todo cliente, homem e mulher, independentemente da idade, que procurasse aquele lugar. Eu queria, se me dessem o direito de conversar separadamente com um e com outro e perguntar-lhes: *“Você está aqui por que gosta, quer ou por que é sua opção?”* Se a resposta for positiva, tudo será gratuito, com cafezinho e água, desde que, claro, não seja violada a lei de casos de menores de idade.

Se a pessoa responder *“não, estou aqui porque não tenho do que viver, tenho filhos, meu pai me abandonou, não tenho como me sustentar”*, ou coisa parecida, a pergunta seria: *“Se alguém lhe ajudar a achar um sustento, você continuaria tendo interesse nesse lugar?”* Se a pessoa disser “não”, a Igreja e o Estado se juntam, e vamos, então, procurar imediatamente a solução para aquela pessoa.

Se a resposta fosse *“não, estou aqui induzido, trazido, obrigado, constrangido por alguém”*, chamaríamos a polícia e tentaríamos prender quem estivesse agindo desse modo, contra algum indivíduo.

O governante ficou admirado, e fizemos a experiência. Não foram tantos os que permaneceram com a decisão da prática do comércio, do abuso, ou de qualquer coisa sexual. Muitos estavam se sentindo obrigados pelo problema social, caos da família, subsistência e coisas assim.



Temos que pensar essa questão. Outros palestrantes já fizeram suas propostas aqui. Talvez não seja muito prático, mas não pensem que vou me deter só a isso. Ao final, vou fazer propostas mais práticas do que essas. Mas precisamos refletir sobre isso.

Quando se tem uma base familiar, não há como pensar em repressão, em mídia sem pornografia ou campanhas de conscientização, de prevenção contra abusos sexuais, sem pensarmos na instituição família. Como dizem, a família é célula *mater* da sociedade. São tantos jargões que, por mais que se volte contra a família, não há nenhum lugar que abrigue melhor o ser humano, para que ele se desenvolva e cultive valores que dignifiquem a vida humana, do que a própria família. O Estado não substitui, nada, absolutamente nada substitui a família.

De algum modo, indiretamente, a sociedade ou os aparatos estatais têm tentado fragilizar esse trabalho da família. Em todos os códigos de ensinamento da formação do ser humano, incluindo entre eles a Bíblia, há um fato inegável: um exemplo vale mais do que mil palavras. Não importa que discutamos tanto acerca do comportamento dos valores do ser humano, da família, da criação da criança, se não estamos preocupados em valorizar, estimular e incentivar quem se comporta, oferecendo exemplo de valores para a família, a criança e a própria sociedade.

Logicamente, imaginamos que vivemos relativamente a crise dos líderes, dos governantes, das pessoas que fazem a cabeça da sociedade. Tentamos dizer que não importa qual seja o tipo de valor que ela defende e o exemplo que ela dá. Tem de se respeitar, porque profissionalmente é daquela forma e, por isso, pode servir de exemplo para toda a sociedade.

Há líderes, homens e mulheres de todas as instâncias e idades, que se desculpam dizendo que para ser isso ou aquilo e estar à frente da sociedade, exposto à mídia, com o dinheiro público, sustentado por todos nós, não importa que tipo de valor, não importa que tipo de vida se leva, desde que no discurso diga que defende os interesses da sociedade, os interesses constitucionais. Isso é o suficiente, ainda que com o comportamento disfarça as próprias palavras, como se o erro e o crime fossem escrever e falar; proceder de modo algum. Isso para a família, para qualquer um de nós exige que pensemos um pouco. Não estamos falando de sociedade perfeita. Não estou aqui com carolice, pietismo, religiosidade barata,



porque não entendo que somos concorrentes. Estamos no mesmo barco, a sociedade está no mesmo barco e a religião é aliada de governo, de todas as instituições que valorizam a dignidade do ser humano. Nós somos companheiros e temos uma missão para cumprir, temos de estar aliados contra um movimento horrível que degrada o ser humano por meio do abuso, do crime sexual, da pornografia e de uma mídia avassaladora contra todos os que pensam um pouco diferente.

É como se estivéssemos sofrendo uma discriminação ao contrário, em favor da liberdade de todos. Ninguém pode mais falar em valores, defender valores, nem na mídia, nem na família, nem nos púlpitos da Igreja, nem nas instituições sociais, porque não há o que dizer. Caso contrário, incorremos no crime de discriminação. A maioria da sociedade está sendo discriminada, e uma discriminação ao inverso. Os valores não são respeitados ou não têm a proteção do Estado e da legislação.

Minhas sugestões.

Com o Estado está o poder de legislar para a sociedade.

Concordamos com o fato de que o Brasil é um dos países cuja legislação é uma das mais perfeitas, com alguma exceção. A nossa legislação é do Terceiro Mundo e a aplicação e estrutura para cumpri-la são de país emergente.

O que reclamamos muitas vezes é a falta de sincronia entre a perfeição da legislação e a prática dela. Mas ainda assim a sociedade tem de acreditar e esperar do Poder Público e do Estado que se preocupem, legislem bem acerca de valores que sempre combatam o crime sexual e valores que façam com que a mídia brasileira, em que pese a liberdade da mídia, não se imagine capaz de subverter os valores da sociedade, sem que alguém, com igual poder econômico, possa, de algum modo, convidá-la a pensar na responsabilidade que tem de preservar valores que dignificam o ser humano.

A coerência na aplicação da legislação e apenação dos criminosos.

Sempre reclamamos nesta Nação. Acreditamos que estamos andando um pouco, mas precisamos ser muito mais cuidadosos, imagino eu, com essa coerência e essa consistência.

Crime é crime para qualquer um. Crime é crime seja praticado pelo pobre, seja pelo rico, seja pelo proeminente, seja pelo poderoso, seja pelo importante, seja



por quem quer que seja nessa esfera que é um pouco mais privada, mais escondida, mais oculta, que é a do crime sexual.

Já falamos em educação. Já falamos um pouco em justiça social, assim como todos falaram.

Quero tocar no aspecto — e já estou me aproximando do final — das campanhas de conscientização e prevenção produzidas pelas organizações e, principalmente, pelos Governos Federal, Estadual e Municipal.

Vejam bem. Parece-me que o Governo, ao selecionar uma empresa para produzir essas campanhas, preocupa-se com uma ótima empresa de criação e onde vai encontrar maior audiência, sem pensar nunca no profissional que também cria campanhas induzindo ao abuso, à contravenção. O mesmo profissional que produz a campanha encomendada, sem convencimento nenhum de que aquilo deve ser feito, é o que faz a campanha de prevenção e de conscientização.

Não sei se os senhores concordam, mas os brasileiros estão cada vez mais conscientes. Essa é a vantagem da mídia brasileira. Nós estamos expostos, mas o ser humano tem filtros. Nós telespectadores temos alma e podemos sentir quando a campanha é mais rica, mais bem produzida e se há um interesse maior. Lado a lado, percebemos uma montanha de dinheiro gasto com a mesma empresa de criação, mas a mensagem subliminar, aquela que contrapõe os valores da prevenção e da conscientização é mais bem elaborada. Num processo de seleção, eu sei que é difícil e pode parecer subjetivo, mas quando pega o dinheiro da sociedade e pretende defender esses valores, o Governo deveria ter a obrigação de imaginar quais são as empresas bem-sucedidas e que ganham muita grana, pervertendo esses valores, não importa o troco financeiro. Quem são aqueles que a sociedade pode perceber que, além do valor contratado pelo Governo, colocariam alma e coração, porque o valor daquela empresa, os valores daquele empreendimento são valores que se defende não só pelo dinheiro. Se tivesse de fazer de graça uma campanha, escolheriam fazer a favor da defesa, da prevenção e da conscientização; contra o abuso sexual, a prematuridade do exercício do sexo. Se conversamos sobre essa questão com representantes do Poder Público, eles dizem: *“Meu caso, amigo, são números. Eu quero audiência”*. Não se preocupam em escolher a hora





certa para a inserção dessa campanha, e o nosso dinheiro é jogado a rodo, sem critério.

Estou falando aqui de criação. Criação é quem sente na alma. Por que será que o dinheiro, que é imaterial, vai para a mão de alguém que diz que vai fazer, vai cumprir? Alguém vai achar bonito, o dinheiro ele vai ganhar, mas sabe que isso não produzirá o resultado certo, porque não é essa a questão.

A distribuição e a veiculação das campanhas nos meios de comunicação.

Provavelmente os meios de comunicação que mais defendem esses valores de graça estão fechando as portas, ou não são viabilizados economicamente, porque não participam de nenhuma verba publicitária, porque só a grande mídia, o profissional que está pago por nós para selecionar e pensar nos valores da sociedade, ver, procurar saber e entender, ele fala: *“Ninguém me questiona se eu distribuo para veículo A ou B. Mas se eu distribuir para os demais, alguém vai me questionar sobre como eu coloquei dinheiro no lugar onde não há tanta audiência”*. Atenção! Como queremos colaborar com a mídia se quem constantemente investe, veicula coisas a favor dos valores que a sociedade quer defender, não tem condição de participar de um bolo publicitário, não tem a sensibilidade do Governo que não quer pensar em detalhes? E aí, como vamos fazer, se a imprensa, a mídia brasileira, com a globalização hoje, quer ganhar dinheiro, logicamente, pela audiência? Há quem diga que a imprensa tem um certo cheiro e um gosto de carniça, porque onde há violência e imoralidade há um pouco mais de audiência. Infelizmente, isso tende a mudar, mas há um fundo de verdade. Eu sou um pouquinho do ramo.

Como vamos querer contrapor se hoje, com a globalização, com a internacionalização dos nossos meios de comunicação, a moral e os valores que nos impõem são os da Holanda, da Europa, onde canais abertos de televisão quase não existem? As pessoas compram e têm o direito de selecionar o que querem. Mas as empresas brasileiras e os que aqui estão dizem: *“Bom, nós temos que concorrer inclusive na devassidão, nós temos que concorrer inclusive na imoralidade, nós vamos fechar”*. Por isso, a imprensa e a mídia brasileiras, de algum modo, estão sendo niveladas por baixo.

Campanhas publicitárias propostas para conscientização e prevenção.



Que o Governo pense um pouco mais em valores, que as verbas sejam mais democráticas, que a criação das campanhas, se possível — por que não? — sejam feitas com concorrência, na qual os pontos para se vencer essa concorrência seja a história dos valores morais daquele empreendimento. Ou não é possível se fazer isso? Ou isso seria discriminação? Ou isso seria detalhamento? Como vamos poder pensar nisso?

Afora isso, propomos ao nosso telespectador que grite contra o Governo, que aplica erroneamente na mídia nossas finanças; que boicote os meios de comunicação, o que não é tão fácil, sem dúvida nenhuma.

No Brasil há monopólios. Não discordo, porque é resultado de trabalho e tudo o mais. Mas não é tão fácil para a sociedade se defender sozinha desses empreendimentos.

Sobretudo, amigos, que as forças, que têm interesse na dignidade do ser humano e mesmo das crianças, se aliem a nossa Constituição Federal. O nosso Estado é laico, ninguém quer privilégio sobre isso, mas há uma coisa impressionante: qualquer organização que não se chame culto à Igreja ou defenda interesses humanos pode participar do bolo orçamentário, de dotações orçamentárias.

Quando se chega perto de algum governante, ele diz: *“O que é? Você tem alguma coisa a ver com religião?”* *“Tenho”*. *“Então, distante da gente, distante da gente. Não há qualquer possibilidade e tal”*.

Honestamente, digo aos senhores que tirem a consciência, seja ela negativa ou positiva de Deus, de quem disse que não há Deus e de quem diz que há Deus, portanto, há eternidade. Se há a consciência moral recebida não do Governo nem do Estado brasileiro, mas de alguém superior a nós e a certeza de que independente de sermos enquadrados na lei ou não, presos ou não, teremos que prestar conta a algum Ser, que chamamos de Deus, que nos deu a vida e, retratado pelos textos sagrados, diz: *“Olha, faz o que der no teu coração. Usa a vida como você quiser. De uma coisa, porém, não te esqueças: que, ao final, prestarás conta daquilo que fizestes com essa vida”*. Se não se tem essa consciência, que se pode chamar de religiosa, de fé, se o Estado luta para que o brasileiro não tenha essa consciência, o que seremos amanhã? Seremos animais? Nós nos comportaremos como quem não



tem nenhuma consciência moral? Se de todas as consciências e valores do homem, a sua razão e a sua moral...

Um grande poeta disse: *“Para crer num ser extremamente justo, que aos corretos galardoa e aos que erra julga. Não só da fé, mas da razão. Eu me ajudo. Eu me utilizo”*.

Se não inculcarmos na nossa gente valores maiores do que os seres humanos primitivos ou irracionais, não há dinheiro, não há governo, não há mídia, não há nada que dê ao homem condição de se autodisciplinar, para que os poucos que não se autodisciplinarem sejam aqueles que o Estado tem aqui, por irem procurar mais alguma coisa.

Espero ter contribuído de algum modo, como simples brasileiro.

Parabéns a todos.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Temos apenas uma pergunta ao Prof. Samuel Câmara do Prof. Cláudio Rufino:

*“Gostaria que o senhor falasse sobre a Rede Boas Novas, que o senhor preside, como exemplo de mídia que valoriza a família e apóia movimentos moralizantes, como a campanha nacional contra a pornografia.*

*Gostaria que outros também seguissem o seu exemplo”*.

**O SR. SAMUEL CÂMARA** - A Boas Novas é uma rede de televisão que nasceu nas entranhas da mata amazônica para integrar os municípios isolados do Estado do Amazonas.

Como imprensa alternativa, é um resultado da conscientização da mobilização de um grupo de cristãos dos Estados da Amazônia.

Esse grupo de cristãos entenderam que o Brasil merece alternativas. O Brasil não precisa de monopólio em comunicação e de nenhum meio que imponha, unilateralmente, seus valores. Se houver alternativas, o Brasil saberá pensar.

O ideal que nasceu no coração daquela gente simples deu como resultado a rede. O nome já diz. *Rede Boas Novas* é uma rede com fundamentos cristãos, que hoje está em 22 capitais brasileiras, em mais de 200 municípios do País, explora



todas as regiões com programação nacional, alimentada da Região Norte, do Rio de Janeiro e de outras regiões.

Ela entendeu que a proposta, hoje, somente de mídia religiosa, igrejeira — e não há nenhum erro nisso —, não vai cooperar com o Brasil no sentido de querer pensar concorrer com mídias tão perfeitas como a dramaturgia, com formatos bonitos e clássicos de televisão, que colocam na programação os valores que querem.

Precisaríamos explorar formatos de televisão inteligentes, audaciosos para tentar chegar perto e dar condições às pessoas de perceberem valores diferentes e optarem por um deles: os que estimulam a unidade da família, ou a pluralidade da família, e os que estimulam o respeito moral a outro indivíduo ou não. Daí surgimos com essa vontade.

Temos, de algum modo, prosperado. Claro que não temos todo o recurso devido para isso, mas acreditamos na proposta, e essa proposta é o que nos tirou do meio da mata amazônica, e naturalmente, pela aceitabilidade do telespectador, estamos chegando ao restante do Brasil. É uma rede aberta, gratuita, a maioria dos canais são UHF. Nesse caso, temos perdido muita receita e muito dinheiro, porque percebemos a força da indústria, do *lobby*, de quem pensa que mídia existe para degradar valores e que dinheiro compra tudo.

Não somos entendidos, nunca participamos de verba pública porque a resposta é sempre essa: *“Vocês são uma rede pequena, vocês não têm audiência, vocês são uma Igreja”*. Não é nada disso. Quem vê vai perceber que investimos muito dinheiro, somos a maior produtora de conteúdo cristão que existe na América Latina, por graça de Deus e dos telespectadores. Claro que pagamos muito caro para que, na nossa emissora, não exista qualquer coisa que dê muita audiência e se ganhe muito dinheiro em troca da dignidade do ser humano, da formação das pessoas. Esse é o valor maior que temos.

Um dia seremos mais conhecidos, mais assistidos e, se possível, o Estado reconhecerá o sacrifício de uma multidão de brasileiros que tem esse tipo de ideal e que resolveu chegar à mídia.

Quero parabenizar outras mídias, outras empresas cristãs. Acho que dá para fazermos muita coisa. Espero que o Governo nos permita e os anunciantes nos



contratem um dia para fazermos boas dramaturgias, boas campanhas de conscientização, o que, lamentavelmente, ainda não é cultura do nosso País. Sobre isso reclamamos e deixamos nossas propostas.

Convidamos todos os interessados, seja do Judiciário, do Legislativo, do Executivo, sejam as empresas, as ONGs, as organizações religiosas, para nos conhecer. Se tiverem alguma proposta boa, algum sonho para esta Nação que até hoje não conseguiram realizar, provavelmente possamos sonhar juntos e viabilizá-lo para que o Brasil possa conhecê-lo por intermédio da nossa mídia.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - A última pergunta: *“Como o senhor vê a importância da campanha nacional contra a pornografia?”*

**O SR. SAMUEL CÂMARA** - Eu acho que nada fere mais a dignidade de um povo do que esses problemas de que estamos tomando conhecimento. Nossas crianças sendo exploradas no País e fora dele (turismo sexual), o Brasil sendo conhecido como o lugar onde as pessoas podem ter experiências sexuais, o que em outros países seria motivo para prisão perpétua.

Isso é uma vergonha. Provavelmente estejamos colhendo o resultado de uma campanha num tempo em que o Brasil era conhecido lá fora como o País do carnaval. Não o carnaval festa dos brasileiros, mas o carnaval com lentes de câmeras sujas pela genitália dos brasileiros.

Temos muito mais a oferecer ao mundo: a nossa capacidade de trabalho; a nossa indústria; o nosso produto e, sobretudo, a nossa dignidade. Não há nenhum país que vá a lugar algum se o seu povo não for respeitado e digno.

Saúdo e dou boas-vindas à campanha. Ela deveria continuar sempre na pauta do Governo, porque o problema não é sazonal, mas cultural.

As minhas restrições são: quem está produzindo? Está produzindo porque tem o valor de portfólio, ou somente porque tem o aporte financeiro do Governo? Quem está ganhando dinheiro e veiculando? Tem-se pelo menos o critério de colocar no lugar onde produzirá efeito, ou está colocando no sanduíche de uma outra promoção que anula aquele dinheiro e aquela conversa do Governo?

Saúdo e aplaudo todos os que estão envolvidos no tema.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Gostaria de indagar ao Deputado Silas Câmara se deseja fazer alguma observação.



**O SR. DEPUTADO SILAS CÂMARA** - Sr. Presidente, Deputado João Campos, na verdade, queria propor à Comissão que apresente ao Governo Federal, que me parece tem ouvido a Comissão em alguns aspectos, a transformação em pontos de audiência — para efeito de distribuição de recurso à mídia e às televisões brasileiras que têm canais abertos outorgados pelo Ministério das Comunicações — o tempo em que elas não veiculam nenhum tipo de programação que gere pornografia, imoralidade ou qualquer coisa que leve a esse procedimento.

Por incrível que pareça, o tema é objeto de audiência pública que será realizada na Comissão de Ciência, Tecnologia e Informática, na próxima quarta-feira. Inclusive, vou propor que seja em conjunto com esta Comissão. Serão ouvidos o Ministro do Governo responsável pela área de distribuição da verba publicitária e o Tribunal de Contas, que, segundo o Ministro, vetou a possibilidade de o Governo Federal distribuir a verba para a mídia, sem analisar o critério de audiência. O que automaticamente fortalece mais quem já está forte e mata quem está começando com um propósito bom.

De repente, a Comissão, que está tendo todo esse dia de trabalho para levantar idéias contra a pornografia, inclusive os efeitos através da mídia, da comunicação de massa, talvez proponha ao Governo Federal que, por meio de um instrumento legal, discuta com o Tribunal de Contas da União esse tipo de procedimento, que acho altamente produtivo, mais até do que a campanha contra a pornografia.

É simples: analisa-se a programação das redes e transforma-se em ponto de audiência a quantidade de horas que não se veicula pornografia nesses canais. Ou seja, se determinado canal cobre 90 milhões de brasileiros, está disponível para 90 milhões de brasileiros, ele é traço para efeito de ibope. Há uma controvérsia tremenda sobre a análise de quem ouve e vê o meio de comunicação A, B e C. Analisa-se essa programação. Se essa programação é limpa e atinge milhões de brasileiros, a emissora passará a ser estimulada porque não veiculou nem produziu pornografia. Então, a quantidade de horas se transformará em pontos de audiência, para poder equilibrar a distribuição ou pelo menos o percentual dessa distribuição. Inclusive já fiz essa proposta ao Ministro Franklin Martins, que não deu resposta. Talvez, assim, consigamos equilibrar um pouco a questão da pornografia na mídia



brasileira, que é, sem dúvida nenhuma, um dos instrumentos mais eficientes do diabo e de quem gosta da degradação humana. A mídia brasileira hoje, todos sabemos, estimula. A psicóloga disse isso muito claramente. Não tenho dúvidas de que tanto nas músicas como nas novelas e propagandas há um pouco de estímulo, de conteúdo que danifica o caráter e a formação das pessoas que não estariam num caminho como esse se tivessem boas alternativas e, acima de tudo, de equilíbrio do que o Governo faz com o dinheiro do Tesouro, que não é pouco — na verdade, tanto do Governo Federal como de suas empresas, por exemplo, a PETROBRAS, etc.

Tenho certeza de que ao final deste seminário haverá muitas propostas boas para o Brasil.

Deputado João Campos, não sei como isso poderá ser operacionalizado pela Comissão. Trata-se apenas de uma proposta diante de tudo que ouvi aqui.

Parabenizo V.Exa., como autor do requerimento, e todos os companheiros Deputados que fazem um belíssimo trabalho nesta Comissão.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Agradeço ao Deputado Silas Câmara pela contribuição. Acolho a sua proposta, recomendo à Secretaria que depois a encaminhe ao Presidente da Comissão, Deputado Raul Jungmann, para as providências de praxe.

Concedo a palavra ao palestrante para as considerações finais.

**O SR. SAMUEL CÂMARA** - Na realidade, gostaria de deixar claro que sou contra a censura aos meios de comunicação.

Esqueci de mencionar um fato. Um pouco mais de rigor na classificação indicativa nos programas veiculados nos meios de comunicação. No mínimo, que se dê, em algum lugar, o direito de se discutir se o programa é adequado para a faixa etária.

Ao pedir um pouco mais de rigor, estou me referindo, na generosidade, à análise de todo o programa. Por esperteza de quem o submete à população, desconhecemos a metodologia. Ficamos surpresos ao ver, no início de um filme, de uma dramaturgia, de um programa, a recomendação para menores e tal. Assistimos àquele filme, com a recomendado audiovisual e a classificação indicativa. Tudo que estamos falando aqui não tem sentido algum, porque a criança, o adolescente, confiando na classificação indicativa do programa, vê-se diante de situações



extremamente embaraçosas para ele e para a família. Isso causa um ciclo vicioso aos abusadores de menores, aos criminosos, que dizem: *“Não, eu é quem fui seduzido pela criança”*.

As nossas crianças estão iniciadas, ensinadas perfeitamente pela televisão, pelo rádio, por todos os meios de comunicação.

Ao fazer minhas considerações finais, peço aos senhores que não desistam nunca. O País amadurece se tivermos oportunidades, como essa, de nos juntarmos para debater.

Esta é a Casa do povo. Se as propostas e conclusões deste seminário, presidido pelo Deputado, chegarem aos nossos governantes, estaremos, sem dúvida nenhuma, construindo.

Não podemos jamais nos desestimular, porque por mais que a mídia seja perversa, o ser humano é muito especial. Aliás, o melhor do Brasil são os brasileiros. Devemos acreditar.

Tenho certeza de que o ser humano, ajudado pelo governo e por reflexões como essas, vai repelir o que tenta torná-lo um irracional, um primitivo, uma pessoa sem valor.

Mais uma vez, parabéns!

Muito obrigado a todos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado João Campos) - Em nome desta Comissão, quero agradecer, com muito carinho, nosso palestrante, o Pastor Samuel Câmara, pela contribuição quer como sacerdote, quer pela experiência nessa área de comunicação; pessoa séria, decente, comprometida com a verdade, com a ética, com princípios. Que Deus continue lhe abençoando.

Ele é irmão no nosso querido colega Deputado Silas Câmara, que, ao curso dos mandatos, tem tido uma atuação digna de reconhecimento e louvor, principalmente do povo do seu Estado, o Amazonas.

Informo que o Coordenador da Campanha Nacional Contra Pornografia, Prof. Cláudio Rufino, coloca à disposição o material da campanha a quem dele desejar integrar-se.

Quero dizer da minha alegria de vê-los todos aqui. Numa sociedade na qual, como já foi dito aqui, tudo o que se vai promover termina tendo um viés, uma





propaganda do sexo, banalizando o sexo, um seminário dessa natureza era para estar vazio. Todavia, temos uma representação significativa de pessoas interessadas nesse tema, conscientes, responsáveis, o que nos estimula a acreditar que vale a pena a realização de iniciativas como essa.

Por mais que haja um trabalho no sentido contrário, há muitas pessoas conscientes, pés-no-chão, que entendem que princípios e valores fazem diferença numa sociedade, numa família, como instrumentos de proteção dessa própria sociedade.

Rogo a Deus que continue abençoando cada um de nós, a Nação brasileira, para que a gente possa, com essa crença, com essa força, encontrar dias melhores.

As nossas crianças, os nossos adolescentes devem ter, exatamente, os nossos cuidados, os cuidados da família, dos pais. Às vezes queremos transferir toda a responsabilidade para o Poder Público, mas a responsabilidade primeira é a nossa, dos pais, das mães, enfim. Às vezes nós nos omitimos, agimos com displicência, e a criança e o adolescente, infelizmente, alcançados por alguém que age de má-fé, ficam contaminados na vida e se enveredam por caminhos não recomendáveis.

Estou muito feliz com a realização deste seminário, com a presença de todos vocês, com tudo que foi apresentado, inclusive com as propostas.

Mesmo estando ausente, quero agradecer ao Deputado Raul Jungmann, Presidente desta Comissão, pela apresentação do requerimento. Desde o primeiro momento, S.Exa. demonstrou boa vontade, sensibilidade e compreensão.

Agradeço também aos Deputados que estiveram aqui por algum período. Sabemos das dificuldades em razão de outras atividades e do óbito de um Parlamentar na data de ontem. Os trabalhos da Casa foram cancelados, e os Deputados retornam antecipadamente aos seus Estados.

Agradeço à assessoria da Comissão por ter se dedicado com muito carinho, como tem sido praxe. Obrigado a todos pelo apoio e pela colaboração.

Dou por encerrado este seminário.

Que Deus abençoe a todos.

Muito obrigado.